

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS**

**MARIA LUANA DE ARAÚJO CUNHA**

**A CONSTRUÇÃO ALEGÓRICA E A CRÔNICA: UMA PROPOSTA PARA O  
TRABALHO COM A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**RIO BRANCO - AC  
2016**

MARIA LUANA DE ARAÚJO CUNHA

**A CONSTRUÇÃO ALEGÓRICA E A CRÔNICA: UMA PROPOSTA PARA O  
TRABALHO COM A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada junto ao Mestrado Profissional em Letras: Profletras, da Universidade Federal do Acre – UFAC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Maria de Lima Braga Penha.

RIO BRANCO, AC  
2016

MARIA LUANA DE ARAÚJO CUNHA

**A CONSTRUÇÃO ALEGÓRICA E A CRÔNICA: UMA PROPOSTA PARA O  
TRABALHO COM A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada junto ao Mestrado Profissional em Letras: Profletras, da Universidade Federal do Acre – UFAC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 21 de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Gisela Maria de Lima Braga Penha  
Universidade Federal do Acre – UFAC  
Orientadora

---

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro  
Universidade Federal do Acre – UFAC  
Membro interno

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Elisana De Carli  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Membro externo

*Ao meu filho Pedro Henrique, pelo seu apoio, carinho e motivação, principalmente nos momentos difíceis. Sem você ao meu lado, nenhuma conquista valeria a pena.*

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar e propor caminhos relacionados à atual discussão sobre as aulas de literatura no ensino fundamental, concentrando-se em dois pontos principais: primeiro, o fato de o texto literário ser deixado em segundo plano pela escola. Segundo, a importância do texto literário para o ensino e sua função social. Com a intenção de ofertar uma proposta que possibilite melhorar a qualidade das aulas de literatura no ensino fundamental, esse trabalho utilizará como instrumento a crônica alegórica e se baseará nas três forças da literatura propostas por Roland Barthes, objetivando contribuir para a formação de leitores por meio da apropriação e valorização do texto literário enquanto construção de sentidos, destacando os diversos saberes existentes no texto literário. Tentaremos ainda, mostrar a importância de desenvolver a oralidade dos alunos, permitindo que estes contribuam com as aulas, através da exposição oral de suas experiências de vida.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Ensino de literatura. Crônica alegórica.

## **ABSTRACT**

This work intends to analyze and propose paths to the current discussion about literature classes in elementary school, focusing on two main points: first, the fact that the literary text is left in the background by school; second, the importance of literary text for teaching and its social function. With the intention of offering a proposal to improve the quality of literature classes in elementary school, this paper will use as an instrument the allegorical chronicle and it will be based on the three forces of literature proposed by Roland Barthes, aiming to contribute to the formation of readers through appropriation and valorization of the literary text as a construction of meanings, pointing out the different areas of knowledge in the literary text. We will also try to show the importance of developing the students' oral production, allowing them to contribute to the classes through exposure of their life experiences.

Keywords: Elementary school. Teaching of literature. Allegorical chronicle.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 LITERATURA, ESCOLA E O MUNDO.....</b>	<b>11</b>
2.1 Letramento e escolarização da literatura.....	15
2.2 Letramento literário: da teoria à prática.....	17
2.3 A escola e a formação de leitores.....	24
2.4 A sistematização da linguagem oral na escola através do texto literário: uma preparação para as diversas práticas sociais.....	28
2.5 O gênero crônica e sua relevância no ensino fundamental.....	34
2.6 A alegoria como proposta de letramento literário.....	38
<b>3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO NO QUE TANGE AOS TEXTOS LITERÁRIOS.....</b>	<b>40</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>53</b>
4.1 O que é orientar o aluno para vida no contexto da literatura enquanto disciplina?.....	54
4.2 Literatura: funções, concepções e forças.....	57
4.3 A alegoria na crônica, <i>Ela</i> , de Luís Fernando Veríssimo.....	63
4.4 Novelas brasileiras: instrumento de alienação ou conscientização?.....	65
<b>5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....</b>	<b>68</b>
5.1 Objetivos.....	70
5.2 Estratégias.....	71
5.2.1 Comparação entre ficção e realidade.....	72
5.3 O gênero charge e sua função social.....	82
5.4 O texto narrativo e a análise de filme como construção de sentido.....	92
5.5 Recursos didáticos.....	98
5.6 Avaliação.....	98
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é literatura, vivemos na sociedade e na realidade das escolas brasileiras, um tremendo imbróglio. Isso se deve ao fato de que o ensino de literatura é visto como mero prolongamento ou adendo da disciplina de Língua Portuguesa, algo sem muita importância. Muitos acreditam até que a literatura seja desnecessária ao currículo escolar, semelhante ao que vem ocorrendo com a Filosofia e a Sociologia, saberes tão caros que têm sido relegados por aqueles que “pensam” a escola. Como afirma o ensaísta Rildo Cosson, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, “a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas” (COSSON, 2014, p. 10). Se pensarmos com cuidado, veremos que tal colocação é de natureza bastante grave.

Na sociedade e nas escolas há ainda os que reconhecem, humildemente, o desconhecimento que possuem da disciplina de literatura, porém, talvez, por considerarem o esforço de aprendê-la maior do que os benefícios trazidos por ela, preferem ignorá-la. Por outro lado, existe um pequeno grupo que acha importante e até almeja estudar literatura, mas pelas condições e pela maneira como a disciplina lhe foi apresentada ou retratada, desiste de conhecê-la, talvez pela crença de que a literatura seja um objeto inacessível ou reservada a uns poucos “iniciados”. Para esses, a literatura é simplesmente um mistério, algo etéreo ou mesmo inefável, portanto, inacessível. Geralmente, são incapazes de perceber a ligação existente entre realidade e ficção em um texto literário, sendo-lhes a literatura um monte de palavras difíceis e pouco interpretáveis, reservada a uns poucos iluminados.

Devido à ignorância e arrogância com que vem sendo tratada a literatura na escola por aqueles que acham que a conhecem bem, e que por isso não teriam mais nada a aprender, o ensino de literatura vem perdendo, paulatinamente, a pouca ou quase nenhuma importância que tem na escola, e as bibliotecas, por sua vez, transformam-se em resolutos depósitos de livros. Portanto, o simples e rico ato de ler na escola é sinônimo de não fazer nada ou de qualquer outra atividade sem importância. As bibliotecárias, seguindo a linha dos gestores da maioria das escolas brasileiras, se contentam em não ter sequer um projeto de leitura, chegam a proibir os alunos de lerem, sob a alegação de que “vão rasgar ou riscar os livros”. É um absurdo, mas é real. Muitas delas são antigas professoras, que por algum motivo, tiveram de ser readaptadas e afastadas da sala de aula, inclusive a maioria não tem experiência



ou não foram capacitadas para assumir uma biblioteca, fato que dificulta e impede o processo de formação de leitores no ambiente escolar.

Aprofundando a discussão, não bastasse o fato de o ensino de literatura ter pouco espaço na escola, ele ainda precisa urgentemente de uma reformulação, já que de uma forma quase padronizada em todo o país tem se resumido no ensino fundamental à mera e superficial leitura dos textos pelos alunos, enquanto no ensino médio se detém na retumbante maioria das experiências que temos presenciado: o ensino da história da literatura, saber que poderia se encaixar também na disciplina de História, dado o seu caráter historiográfico.

Esses são alguns dos fatores que dificultam o ensino de literatura. Além disso, atualmente, se reservam poucos minutos semanais ao ensino dessa disciplina, uma única aula de cinquenta minutos. Na maioria das escolas, o ensino se constitui em sequências cansativas e enfadonhas de autores clássicos, passando por todos aqueles períodos das escolas literárias, características de estilos de épocas e figuras de linguagem, cujo único objetivo é decorar os nomes dos “principais autores da literatura clássica”.

Mediante todas as circunstâncias apresentadas até agora, essas breves reflexões têm mesmo a clara intenção de encarar essas situações de ignorância, arrogância e desconhecimento que fazem com que o ensino de literatura seja apenas um apêndice da disciplina de Língua Portuguesa. A seguir, faremos uma breve exposição dos capítulos desse trabalho.

Quanto à estrutura do texto, no capítulo 2, intitulado “Literatura, escola e o mundo” apresentaremos o embasamento teórico sobre a importância do ensino de literatura e sobre a necessidade de uma prática pedagógica baseada em uma perspectiva de letramento literário.

Em seguida, no subtítulo: “A escola e a formação de leitores”, apontaremos alguns caminhos que possam auxiliar na formação de leitores, além de incentivarmos a aplicação de metodologias que favoreçam o desenvolvimento da oralidade dos educandos. Na sequência, apresentaremos o gênero crônica, que será explorado com os alunos, ressaltando sua relevância para o ensino fundamental e exibiremos a alegoria como meio para alcançar o letramento literário, através dos vários discursos existentes no texto alegórico.

O capítulo 3 corresponde a uma análise do livro didático, utilizado pelos alunos, com o objetivo de verificar se a exploração do texto literário no manual didático condiz com nossa proposta metodológica.

No capítulo 4, exporemos a metodologia utilizada nessa pesquisa e citaremos alguns autores que influenciaram nossa linha de pensamento, apontando algumas funções, concepções e forças da literatura.

O subtítulo 4.4 é composto pela análise da temática, presente na crônica, utilizada nessa proposta. Já no capítulo 5, apresentaremos a proposta de intervenção, oferecendo um passo a passo com os gêneros textuais selecionados, que pode ser executado por qualquer professor que concorde com nossa proposta de intervenção. Para finalizar nossa dissertação, no capítulo 6, exibiremos as considerações finais ao concluirmos essa pesquisa.

O presente trabalho foi realizado, principalmente, para auxiliar outros profissionais da área, que possuem o interesse em refletir e aperfeiçoar a própria prática pedagógica, nas aulas de literatura do ensino fundamental. Diante do exposto, esperamos que essa dissertação possa contribuir, de alguma forma, para melhorar a qualidade do ensino de literatura nas escolas.

## 2 LITERATURA, ESCOLA E O MUNDO

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, 2004, p.186).

“A literatura é plena de saberes sobre o homem”. Eis uma das afirmações que faz Rildo Cosson, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (COSSON, 2014 p.16). Este será o ponto de partida para as próximas reflexões. Quais são as funções sociais da literatura na vida humana e qual sua importância? Literatura para quê, afinal? Vale a pena estudar literatura?

Antes de tudo, é possível responder às perguntas anteriores de forma bem direta, embora existam muitíssimas outras razões para explicar a importância da literatura em nossas vidas. Mas, digamos que a literatura seja capaz de traduzir, representar, tornar o mundo mais compreensível a todos os que dela se apropriam. Além disso, como mencionou Antônio Cândido, certa vez, em uma de suas muitas palestras, a literatura confirma a humanidade do homem. (CÂNDIDO, 1972, p. 81)

Sabe-se que a literatura atua de forma humanizadora e formativa na vida de todos os que a desfrutam. É por meio da literatura, inclusive, que dizemos o mundo, que o representamos. Antônio Cândido, em sua palestra que foi transcrita como “A literatura e a formação do homem” chegou a afirmar que “as camadas mais profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar”. (CÂNDIDO, 1972, p. 84). Cândido diz que a literatura que lemos talvez atue tanto quanto a escola em nossa formação. Portanto, a literatura possui um poder reconhecidamente formador e, até mesmo, transformador para a Humanidade, essa é somente uma das razões pelas quais já merece ou deveria merecer maior atenção da escola.

Nessa mesma palestra reveladora de Cândido, o crítico literário abre uma discussão no sentido de que há uma proximidade inevitável entre o mundo da ficção e a realidade do mundo. Nesse sentido, as histórias policiais, as telenovelas, as radionovelas, os contos populares, as histórias ilustradas e quaisquer outras formas literárias têm referência direta na realidade concreta do mundo em que vivemos. Desse modo, a literatura funciona como um “intermédio” entre o mundo abstrato,

ficcional e o mundo real habitado por nós, exercendo sobre nós sua função integradora e transformadora, para usar novamente as palavras de Cândido (1972).

Quando desfrutamos de qualquer forma de literatura, sem que percebamos, na maioria das vezes, estamos imersos em um profundo processo de troca, de compartilhamento de experiências de vida e de mundo, vivendo a experiência de alguém, de algum lugar do mundo, inserido em algum contexto até então desconhecido, provavelmente diferente do nosso. Cosson diz que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro” como também nos proporciona “vivenciar essa experiência”. (COSSON, 2014, p. 17).

Assim, no momento em que resolvemos experimentar alguma forma de literatura sem que nos demos conta, estamos, a um só tempo, ampliando nosso repertório cultural, nossas habilidades linguísticas, no sentido amplo de que estamos, na verdade, diversificando nosso modo de dizer quem somos, o que somos e de representar o mundo, bem como nossa compreensão do que nos cerca, nossa capacidade de observar a realidade e de refletir e atuar sobre ela. Como diz Cosson, quando afirma que a literatura é repleta de saberes sobre o homem e o mundo. (COSSON, 2014).

Os argumentos defendidos até agora justificam o quanto a literatura precisa encontrar um espaço mais amplo no ambiente de aprendizagem, e também a importância de um ensino mais adequado de literatura na escola. Talvez a única instituição capaz de mediar o contato entre a literatura e o Homem, garantindo-lhe o direito de se apropriar dos vários conhecimentos existentes nos textos literários, o que de certa forma, proporciona a ampliação sobre as visões de mundo e sobre o próprio Homem.

Tomando emprestada a ideia de Cosson, de que somos feitos de vários corpos, um corpo físico, um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional, entendemos que precisamos alimentar a todos eles. Se não alimentamos nosso corpo físico, ele ficará enfraquecido e terá reduzidas suas capacidades, da mesma forma que não podemos deixar de aperfeiçoar nosso corpo profissional. A soma desses vários corpos resulta no que somos. Se nosso corpo físico, por falta de atividade, é capaz de atrofiar, definhar e morrer, assim também é nosso corpo linguagem, com a diferença de que este funciona de modo especial e particular. (COSSON, 2014).

Para melhor compreendermos o que se dirá adiante, é preciso lembrarmos de que não existe mundo ou qualquer outra coisa para além daquilo que somos capazes de dizer, expressar ou representar, e um dos nossos mais poderosos instrumentos de representação do mundo é a literatura, que se expressa única e tão somente por meio de determinada linguagem. Assim, podemos concluir que, quanto maior for nossa capacidade de expressar e dizer o mundo, maior será nosso mundo, maior será nosso corpo-linguagem. Ou seja, quanto maior for nosso contato e mais diversificadas forem nossas experiências literárias, maior também será nosso poder de representação e expressão do mundo. O nosso corpo-linguagem é feito de palavras, de linguagem e de textos. E tais palavras que utilizamos para exercitar nosso corpo linguagem, vem do mundo em que vivemos e da sociedade a qual pertencemos. Assim, é o uso individual e, ao mesmo tempo coletivo, que fazemos das palavras, dos textos em nossa prática social diária que dá sentido à nossa rotina enquanto cidadãos que somos. Sem o exercício da linguagem e das práticas de linguagem, somos invisíveis em qualquer sociedade que seja, com ele já somos, imaginemos sem ele. (COSSON, 2014).

Na nossa sociedade letrada existem inúmeras maneiras de utilizar a linguagem, todavia a escrita é a modalidade que ocupa um lugar especial e prioritário. É quase impossível dissociar a escrita das demais modalidades de uso da língua. Tanto cultural como socialmente, a aquisição da escrita é imprescindível ao Homem e a escola brasileira necessita ser capaz de garantir aos alunos essa aquisição; qualquer iniciativa contrária pode ser considerada um fracasso; qualquer pensamento que se constitua na contramão dessa ideia é um verdadeiro “tiro no pé”, para usar uma expressão bem popular.

E o que a escola pode fazer nas aulas de literatura para garantir que o indivíduo amplie sua capacidade de expressar o mundo à sua volta, isto é, para que ele aumente suas possibilidades de exercitar a linguagem, sobretudo, a leitura e a escrita? É nesse ponto que entra a proposta desse trabalho, a do letramento literário.

De acordo com Magda Soares (2005), o termo letramento originou-se como uma extensão do conceito de alfabetização, por tratar-se de uma nomenclatura mais ampla, capaz de recobrir as práticas sociais de usos da leitura e escrita.

Consoante Magda Soares, letramento é “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita.” (SOARES, 2005, p. 50).

De acordo com as modificações ocorridas ao longo do século, houve a necessidade de utilizar um novo conceito, visto que o termo alfabetização dizia respeito apenas à aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais. Portanto, o domínio dessas habilidades, dissociadas de uma prática social, não caracterizava um indivíduo como alfabetizado. Dessa forma, houve a necessidade da criação de um termo que fosse mais abrangente do que o conceito de alfabetização.

Para entendermos com maior propriedade os objetivos e intenções, bem como, a natureza de uma proposta de letramento literário, é necessário relembrar um conceito apresentado por Roxane Rojo, em seu livro *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social* que diz,

O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98).

Já a noção de letramento literário extrapola as práticas sociais que envolvem leitura e escrita. É uma apropriação do texto literário e utilização dele para compreender a existência humana. É a possibilidade de se enxergar em um texto ficcional.

Em uma sociedade letrada como a brasileira, há vários níveis e diferentes tipos de letramento. Para elucidar um pouco mais, até mesmo um analfabeto tem participação em práticas sociais, para esclarecer citaremos o exemplo de alguém que não é alfabetizado, nunca foi à escola, mas é capaz de apanhar um ônibus para se deslocar de um lugar para outro. Ou seja, ainda que de modo precário, esse sujeito está inserido num processo que envolve uma prática de letramento. Uma pessoa pode ainda ter um grau elevadíssimo de letramento numa determinada área de conhecimento e, por outro lado, possuir um grau baixíssimo de conhecimento em outra.

Já o processo de letramento literário que propomos nesse trabalho, não se restringe a práticas comuns dos usos da leitura e escrita, mas uma apropriação e domínio do texto literário como produtor de sentidos. Não basta apenas ler um texto literário, identificando apenas aspectos superficiais, é importante que a leitura faça sentido para o aluno, que ele perceba o poder da literatura em retratar situações semelhantes àquelas vivenciadas por nós no cotidiano, aprendendo a relacionar o que

é lido com a própria realidade e a se apropriar do texto enquanto construção de sentidos.

## 2.1 Letramento e escolarização da literatura

Uma das questões mais debatidas atualmente sobre o ensino de literatura na escola é a questão da escolarização, isto é, a modificação da literatura enquanto arte para a categoria de disciplina escolar.

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. (SOARES, 2001, apud COSSON, 2014, p. 17).

Assim, é impossível ignorar que, ao se transformar em saber escolar, a literatura se escolarize. Mais do que isso, é um processo absolutamente inevitável e necessário. Agora, o que se pode questionar ou objetar, oportunamente, é como essa escolarização vem sendo feita hodiernamente. Conforme já foi criticado anteriormente, o que a escola não pode e não deve é resumir as aulas de literatura à mera historiografia de autores clássicos, como se faz no ensino médio, ou à superficialidade da leitura de textos no ensino fundamental. É necessário ir além, criando métodos mais adequados e pedagogicamente mais eficientes para se trabalhar o texto literário na sala de aula.

O que não se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2001, apud COSSON, 2014, p. 17).

Uma melhor didatização ou pedagogização da literatura para que se alcance o letramento literário em seus mais variados níveis passa, dentre outras questões, pela escolha do objeto de ensino da disciplina e, principalmente, da metodologia que será utilizada.

Os professores de língua portuguesa, por vezes, se questionam sobre o que ensinar, afinal, nas aulas de literatura. A mera leitura de textos literários ou a historiografia dos principais autores clássicos não leva nossos alunos a uma leitura

melhor, a escreverem melhor ou a ampliarem suas capacidades comunicativas de compreensão e interpretação do mundo em que vivem.

O primeiro passo a ser dado para que se tenha um maior aproveitamento e até mesmo uma melhor interação nas aulas de literatura, gerando maior interesse para o professor e para os alunos, em nosso entendimento, é tomar o texto literário como ponto de partida da aula. Enfatizando, o objeto de ensino das aulas de literatura não pode ser qualquer outra coisa que não o próprio texto literário. Todavia, a utilização de qualquer texto literário sem o devido planejamento prévio pode não trazer benefícios à aprendizagem do estudante.

Entendemos que a seleção dos textos literários é um dos pontos mais importantes para a idealização e realização de qualquer programa de letramento literário que se preze. Conforme COSSON (2014). É interessante que as obras previamente selecionadas para qualquer programa de letramento literário sejam contemporâneas, o que não quer dizer atuais, sem desprezar o cânone, ou seja, o ideal é que a escolha das obras se pautem tanto naquelas tidas como clássicas, conhecidas da história literária, quanto naquelas obras mais contemporâneas, de menor prestígio literário e maior apelo mercadológico, de modo que todas elas sejam, sempre que possível, atuais. Vale a pena lembrar, a distinção feita por COSSON (2014) entre o que seja uma obra atual e o que significa uma obra contemporânea:

Obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação. (COSSON, 2014, p.32).

Giorgio Agamben teve o texto *Sobre a dificuldade de ler*, apresentado em uma intervenção na Feira da Pequena Editora, em Roma, no ano de 2012, em que trata dessa questão quando expõe a existência de livros excelentes, os quais foram escritos e publicados, mas que não foram e talvez nunca serão lidos. Por isso, o autor se refere às listas de livros mais vendidos como infames e aconselha os editores que ao invés de utilizar tais listas, devem construir, mentalmente, uma lista com os livros que “exigem” ser lidos.

Enquanto professores, temos o ofício de atentar para a qualidade dos textos que os nossos alunos leem. Contudo, não podemos desprezar boas leituras, apenas, por não constarem entre as obras mais lidas ou mais vendidas.



Assim, acreditamos que não se deve deixar de lado o cânone. Todavia, o educador não precisa se basear exclusivamente em classificações de livros mais vendidos, pois deve, também, utilizar o conhecimento intelectual para selecionar obras, que contribuam para o crescimento cognitivo dos alunos.

É importante deixar claro que, ao contrário do que imaginam algumas pessoas, para que os alunos aprendam a gostar de literatura, essa deve, portanto, ter o seu devido espaço de ensino na escola. Explorar um texto literário de forma profunda e satisfatória demanda certos conhecimentos que o professor deve possuir e por causa disso tem a capacidade de conduzir o aluno a uma boa interpretação textual.

A seguir, faremos algumas considerações sobre a concepção de literatura bem como suas funções, além da prática do letramento literário no dia a dia da sala de aula. O que pretendemos é ofertar, ao final desse trabalho, uma proposta de atividade com o texto literário que possa proporcionar, em alguma medida, a ampliação e a apropriação do conjunto de práticas sociais de letramento tão necessários a qualquer cidadão que faça parte de uma sociedade letrada.

## 2.2 Letramento literário: da teoria à prática

Nas aulas de Língua Portuguesa, principalmente, o foco está direcionado ao desenvolvimento da competência leitora dos alunos, já que é papel da escola proporcionar a alfabetização dos estudantes bem como o letramento para que assim, dentro e fora do ambiente escolar, eles estejam aptos a exercerem plenamente a cidadania e participarem das diversas práticas sociais que os circundam.

Com o decorrer da aprendizagem de leitura, escrita e apropriação do código linguístico, devem ser introduzidos os textos literários em sala de aula. Mas como já se sabe, não é bem isso que tem acontecido: o ensino de literatura, por vezes, não vem alcançando o devido êxito no que tange ao aprendizado dos alunos. Dentre outros fatores, alguns dos quais já comentados, por causa de uma velha confusão que é feita entre os conceitos de literatura, crítica literária e história da literatura.

Alguns professores de língua portuguesa, talvez devido à má formação que receberam e à pouca importância que alguns cursos de Letras dão à literatura, muitas vezes, não conseguem proporcionar aos alunos um ensino adequado, confundindo o ensino dessa disciplina, geralmente, com períodos literários, históricos, características da vida e trajetória do autor. Desse modo, o principal, o texto pode não ser explorado

com a devida intensidade, o que torna as aulas de literatura meras aulas de história da literatura.

Desse modo, é imprescindível que haja uma melhor sistematização do ensino de literatura na escola, porque ninguém nasce sabendo ler literatura. Tal conhecimento deve ser mediado pelo professor, que é quem irá direcionar o aluno e apontar os caminhos necessários, os quais deverão ser percorridos para uma leitura significativa do texto literário.

É inegável a força humanizadora que a literatura exerce no leitor, enquanto arte, por ser capaz de refletir situações relativas ao próprio ser humano: seus desejos, medos, mazelas, suas incertezas, crenças. Ela espelha o próprio Homem e tudo aquilo que está ao redor dele e que com ele se relaciona, permitindo que o leitor faça reflexões sobre a vida ao relacionar a ficção com realidade. Os temas universais presentes em alguns textos literários, os quais ultrapassam tempo e espaço, são prova do que foi mencionado por continuarem fazendo sentido e sendo tão atuais aos seres humanos ao longo do tempo.

Como nesse trabalho, defendemos uma proposta do ensino de literatura baseado em uma perspectiva de letramento literário, abaixo, iremos expor alguns conceitos referentes ao termo letramento.

De acordo com Costa,

Letramento possui um significado mais amplo e complexo, em que se valorizam as características *sociais* nas práticas de letramento, que são culturalmente determinadas e que se adquirem no processo interativo de fala, leitura e escrita. (COSTA, 2000, p.15).

Isto posto, o letramento visa o exercício da fala, leitura e escrita, mediante práticas sociocomunicativas de uso da língua. Assim, quando o educador constrói uma metodologia, baseada em uma perspectiva de letramento, estará contribuindo com a formação do aluno para a vida, bem como para a formação de sujeitos letrados, capazes de participar das práticas sociais existentes em toda sociedade.

Após mencionarmos o conceito de letramento, é importante lembrar que, em outra dimensão, letramento literário, segundo Cosson é “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON, 2014, p. 67). A partir disso, para que as práticas de letramento literário aconteçam, é necessário que o educador, no que diz respeito ao ensino de literatura, tenha como principal objetivo a exploração do próprio texto literário para que, a partir dele, o aluno possa se

enxergar em algum momento dentro da própria leitura, de maneira que possa se identificar com a obra, projetando-se assim, para o universo da leitura e, conseqüentemente, construa e atribua sentido ao que lê.

A leitura precisa fazer sentido, precisa ter uma utilidade para a vida do estudante, porque quando o aluno não encontra fundamento e nem finalidade no que está sendo lido, perde a motivação para estudar algo que, aparentemente, está desconectado da realidade vivenciada por ele. Além disso, o aluno necessita de direcionamento para atingir essa construção de sentido, e tal construção só ocorre quando ele percebe essa relação da literatura com o Homem e consegue fazer uma relação do texto literário com a sua vivência de mundo, visto que a literatura é uma representação a partir da realidade, a qual pode ser utilizada tanto para uma leitura espontânea, prazerosa, quanto para compreender a própria existência humana.

A defesa da importância da sistematização do ensino de literatura nas escolas, passa por um aspecto muito importante que deve ser abordado: o estabelecimento de objetivos para a leitura. Posto que, uma leitura com um objetivo previamente traçado e estipulado pelo professor, torna-se muito mais produtiva do que uma leitura sem objetivos. Além disso, outro aspecto que temos observado na sala de aula é uma total e evidente falta de motivação, tanto do professor, quanto dos alunos. Essa problemática é responsável pelo fracasso da maioria dessas atividades. A leitura, de modo geral, é muito mal conduzida na escola. KLEIMAN (2013), vislumbrando isso, alerta que,

cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação [às atividades de leitura]. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de língua. (KLEIMAN, 2013, p. 32, grifos nossos).

Quando os estudantes estão cientes do motivo pelo qual se deve ler determinado texto, a leitura passa a ser mais monitorada. Em vista disso, ocorre maior compreensão do que está sendo lido, e o leitor terá mais direcionamento durante o processo, pois já terá um primeiro estímulo que o auxiliará na construção de sentidos.

Num segundo passo em direção ao letramento literário, conscientes de que isso vai muito além de uma simples leitura, é imprescindível partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, até alcançar, gradativamente, um novo conhecimento pretendido. Como nos sugere COSSON (2014), é necessário conduzir o momento da

leitura e seguir quatro procedimentos, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação, como o próprio nome já diz, será responsável pelo incentivo aos alunos para participarem por espontânea vontade da atividade proposta. Esse é o momento de preparação do aluno para adentrar o universo da leitura.

O professor pode selecionar dinâmicas ou atividades que sirvam tanto para proporcionar um momento lúdico, quanto para o levantamento de hipóteses sobre o texto, que, ao longo da leitura, serão testadas pelo próprio leitor.

Criar expectativas sobre a leitura, a qual será posteriormente iniciada, é uma maneira de atrair o interesse do leitor e cativar sua atenção; contudo, essa etapa não deve se alongar por mais de uma aula, visto que pode ocasionar uma mudança no foco do que se quer alcançar.

Na introdução do texto, para que o professor obtenha êxito em sua atividade de letramento literário, na sala de aula, é importante que a obra seja introduzida de uma forma positiva, para propiciar ao aluno uma boa impressão sobre o assunto que será lido. Causar essa sensação no leitor fará com que ele sinta vontade de se apropriar do texto verdadeiramente.

O terceiro passo diz respeito à leitura, e nessa etapa é essencial a monitoração mais próxima e o acompanhamento dos alunos pelo educador, pois algum empecilho na compreensão poderá ser mediado pelo professor, o que faz grande diferença na apreensão do texto.

Posteriormente, e com a mediação do orientador, ocorrerá a interpretação, visto que após ter o contato com a leitura do texto, iniciará o processo de construção de sentidos, o qual precisa ser muito bem direcionado, inclusive as atividades de interpretação textual não devem existir simplesmente para recontar o texto ou para responder perguntas com respostas prontas e fechadas; ao contrário disso, tais atividades devem nortear o aluno a fim de que ele possa articular aquilo que foi lido no texto com a sua própria realidade e/ou perspectiva.

Eis, então, uma primeira função social da literatura: atuar na formação do Homem, espelhar e refletir o próprio ser humano e fazer com que, através dos textos, a Humanidade possa, ao longo do tempo, experimentar e compreender conflitos que são inerentes a todos, conflitos que sempre irão existir, independentemente do tempo. Além disso, a literatura tem o poder de proporcionar a transmissão de valores culturais de geração a geração.

Portanto, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra adequadamente é importante seguir um planejamento que favoreça a aprendizagem dos alunos, que contemple suas necessidades e que seja capaz de fornecer andaimes, quando necessário, para o destino final, que é a construção de sentidos.

Conforme nos alerta MORAN: “A educação tem de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. A educação precisa encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e práticas” (MORAN 2012, p. 21). Esse entusiasmo, ao qual MORAN se refere, necessita ser despertado nas primeiras etapas do letramento literário a fim de que o leitor esteja disposto a se apropriar dos diversos saberes existentes nessa arte que se elevava e ganhou o *status* de disciplina escolar, mas que nunca deixou nem deixará de ser arte.

Um relato comum entre os professores da educação básica é o de que os alunos apresentam grande dificuldade na leitura, visto que muitos não entendem o que leem, pois não fazem uma leitura de fato, apenas decifram o código linguístico através de palavras e frases soltas, as quais não são compreendidas. Quando se trata de texto literário a situação é ainda mais alarmante, já que, se muitos alunos, de acordo com as avaliações externas como a Prova Brasil, Enem, Pisa, etc., não conseguem compreender um texto simples como uma notícia de jornal, por exemplo, imagine quando se deparam com um texto literário.

De onde vem essa problemática, se entendemos que a leitura é tão essencial e intrínseca ao Homem? Já que a todo momento o ser humano pratica a leitura, não necessariamente de textos literários, pois existem inúmeras possibilidades, a leitura que fazemos das pessoas e do mundo que está ao nosso redor é uma delas.

Com o avanço tecnológico e a popularização das redes sociais, houve um considerável crescimento ao acesso e leitura de textos multimodais e imagéticos. No *Facebook*, por exemplo, os alunos compartilham, publicam e leem diversos textos multimodais que utilizam não só textos escritos, mas também, imagens, sons e cores. Por conseguinte, vários elementos que compõem o texto contribuem para a interpretação textual.

É curioso o fato de que, normalmente, a compreensão textual é atingida com a utilização desses textos, ao serem lidos espontaneamente pelos alunos. É óbvio que quando leitura, som, e imagem estão articulados entre si, os resultados serão mais eficazes, principalmente em atividades que envolvem adolescentes.

Contudo, mais importante do que os aspectos supracitados e o que caracteriza-se como elemento central no que diz respeito ao interesse pela leitura é a produção de sentidos. Não existe nada mais desmotivador do que ler algo que não faz sentido. De um modo geral, os estudantes quando se deparam com o texto literário sentem-se assim, desmotivados para ler algo que não compreendem. Daí se explica o estímulo para ler os textos que circulam nas redes sociais. É algo que pertence ao universo infanto-juvenil, faz sentido e está conectado às experiências de vida deles.

É essa conexão entre o texto literário e a vida dos alunos que está faltando nas aulas de literatura. Em primeiro lugar, o texto literário precisa fazer sentido para o estudante, se este não é capaz de construir sentido a partir de uma leitura feita, tal leitura nunca existiu. É impossível dissociar leitura de construção de sentido, pois estão imbricadas uma na outra, esta não existe fora daquela e assim respectivamente.

De acordo com Santos (2010),

aprender a ler , mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras impressas tenham um significado que vai além do que está escrito, por passarem a fazer parte também da experiência do leitor (SANTOS, 2010, p. 40).

No ato de toda leitura, o indivíduo faz uma série de referências a outras leituras já realizadas por ele anteriormente, ou seja, suas experiências como leitor, crenças, costumes e ideologias podem atuar significativamente no processo de construção de sentidos. Isso explica o porquê de um mesmo texto, em momentos distintos, ter mais de uma interpretação para a mesma pessoa, pois a cada leitura que fazemos é possível modificarmos quem somos e mudarmos também nossas visões sobre o mundo. Esse processo de referência é chamado de ativação dos conhecimentos prévios. Conforme Kleiman,

a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente os diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2013, p. 15).

Como já foi dito, a ativação dos conhecimentos prévios no momento de novas leituras é necessária, o diálogo entre leituras que se faz no presente e aquelas que já foram feitas, ocorre constantemente de maneira natural.

Para que um aluno entenda o texto literário de Chico Buarque, *Chapeuzinho Amarelo*, por exemplo, é ideal que conheça, previamente, o texto *Chapeuzinho Vermelho*, para que a partir do entendimento de uma leitura anterior, possa atribuir sentido a uma nova leitura. Portanto, ao ter conhecimentos prévios indispensáveis a próximas leituras é possível estabelecer mais conexões entre os textos, relacionando diversos campos: literal, simbólico, histórico e intertextual. Caso não haja conhecimento prévio suficiente, é provável que o leitor permaneça apenas no nível literal do texto, com pouca ou nenhuma correlação.

Diante disso, percebe-se o quão importante é o papel do professor na seleção dos textos literários que serão utilizados com os estudantes. Não se pode escolher qualquer texto sem verificar se a clientela, a quem se destina, possui conhecimentos prévios, imprescindíveis à compreensão do texto literário escolhido. Não atentar para o grau de importância que essa escolha representa é um caminho em direção ao fracasso, no que tange à exploração da leitura e interpretação do texto literário como produção de sentido na sala de aula.

Tão relevante quanto a ativação dos conhecimentos prévios e a seleção do texto literário, é a criação de expectativas acerca da leitura a ser realizada. O êxito dessa etapa de criação das expectativas dependerá da maneira pela qual o professor irá conduzir a aula, podendo optar por atividades que estimulem no aluno um interesse em se apropriar da leitura. Fazer com que os estudantes levantem hipóteses sobre o texto literário, por exemplo, apenas com o título do texto é uma forma de estimular a criatividade e, conseqüentemente, atrair o interesse para a leitura, já que as hipóteses levantadas anteriormente serão testadas ao longo da leitura.

Partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, selecionar criteriosamente o texto que será utilizado e proporcionar a criação de expectativas e levantamento de hipóteses sobre o texto literário caracterizam os primeiros passos em direção à produção de sentido.

Com o decorrer da exploração do texto literário, isto é, após a leitura, o professor precisa direcionar a interpretação textual e estimular a reflexão nos alunos a fim de que eles se questionem e consigam fazer uma relação entre o que está sendo dito no texto literário, de maneira ficcional, e o que acontece na realidade, ao redor dele

mesmo. Por conseguinte, a produção de sentido ocorrerá de maneira natural, o texto literário passará a fazer sentido para o aluno, pois ele compreenderá que é através da ficção que a realidade é representada.

### 2.3 A escola e a formação de leitores

Um dos ofícios primordiais da escola é a formação da competência leitora dos alunos. O que não se restringe somente ao processo de alfabetização, mas também a um ensino que estimule à leitura espontânea, aquela que é feita não por obrigação, não por ordem de algum professor, ou simplesmente por precisar preencher uma ficha de leitura ou para fazer uma prova.

Esse tem sido um dos grandes desafios que as escolas e os professores da educação básica enfrentam cotidianamente. Em muitos casos, os problemas são os mesmos: má formação dos professores de Língua Portuguesa, ausência de um projeto de leitura nas escolas, falta de recursos, em suma, existem diversos motivos que podem ser elencados.

Entretanto, mesmo sabendo dos inúmeros percalços existentes na educação brasileira, acreditamos na possibilidade de se formar grupos de leitores, bem como despertar os jovens para a descoberta do texto literário. Todavia, existe um caminho que deve ser trilhado para o verdadeiro objetivo ser alcançado: o próprio texto literário, o qual deve ser o ponto de partida para qualquer tipo de trabalho que envolva literatura.

É notório o cansaço dos estudantes nas aulas de literatura, pois já estão saturados de estudarem apenas os períodos literários, os estilos de época, vida pessoal dos autores, momento em que os professores utilizam o texto literário apenas como pretexto para esse tipo de análise. Em síntese, já está na hora dos alunos serem conduzidos ao encontro com o texto literário sem se preocupar com isso ou aquilo, apenas observar o quanto pode ser significativo a leitura de uma obra literária.

À vista disso, o estudante poderá compreender que o gosto pela leitura passará a existir com o tempo, através de prática e do próprio exercício da leitura espontânea. Além disso, perceberá que esse hábito irá ampliar o próprio conhecimento cultural que possui.



Para que esse grandioso objetivo seja alcançado pelo professor de Língua Portuguesa, o aluno deve ter contato com os textos literários desde as séries iniciais a fim de começar a criar familiaridade com a leitura. Além disso, o trabalho com o texto literário requer um planejamento e estudo prévio. Por isso, o professor que deseja formar leitores precisa, anteriormente, ser um leitor assíduo e planejar suas aulas de literatura, pois de nada adiantará o esforço, se o texto literário não passar a ser o foco nas aulas de literatura.

De acordo com Leffa (1996) em sua obra: *Aspectos da leitura*. Uma perspectiva psicolinguística, existem três tipos de abordagens de leitura: as ascendentes, as descendentes e as conciliadoras.

Segundo a abordagem ascendente, a leitura é vista como um processo de extração de sentidos no texto. Assim, todo o conhecimento está exclusivamente no texto. Portanto, os conhecimentos prévios do leitor em nada influenciam na construção de sentidos.

Na abordagem descendente, a ênfase está no leitor, isto é, o processo de leitura é visto como atribuição de sentidos ao texto, o leitor com seus conhecimentos prévios é quem irá atribuir significado ao texto. Sob essa perspectiva é como se o texto não tivesse grande importância, já que todo o conhecimento parte do leitor.

Já na abordagem conciliadora, pretende-se, não só conciliar a relação entre texto e leitor, mas também conceber a leitura como um processo de interação entre os dois, tendo como resultado dessa interação, a criação de um novo evento, isto é, o fruto da interação entre texto e leitor extrapola os conhecimentos que estão presentes no texto, assim como os conhecimentos prévios que o leitor já possuía.

Acreditamos que o ensino de literatura precisa de reformulação, precisa ser abordado sob uma nova perspectiva, a partir do texto literário. Por isso, baseados na abordagem de leitura conciliadora, entendemos que a construção de sentidos do texto ocorre através de um processo de interação entre o leitor, o texto e os conhecimentos de mundo que pertencem ao leitor. Assim, o aluno, ao iniciar uma leitura, passa a ser um agente construtor de sentidos, passa a interagir e a se tornar sujeito do seu próprio conhecimento. Todavia, os estudantes não sabem que podem atuar significativamente em sua própria construção de conhecimentos. Sendo assim, informá-los sobre isso também é uma maneira de motivá-los a praticar a leitura espontaneamente.

A realidade nas escolas da educação básica passa por grandes problemas, inclusive, o professor muitas vezes disputa a atenção de seus alunos com o aparelho celular. Devido ao avanço tecnológico, está cada dia mais complicado prender a atenção dos estudantes nas aulas, isso porque os alunos permanecem conectados e interagindo através das redes sociais. Mesmo com a aprovação de uma lei que proíbe o uso do aparelho celular na sala de aula, é muito difícil, e porque não dizer quase impossível, que o professor seja capaz de controlar uma sala com aproximadamente quarenta alunos, onde cada um possui, no mínimo, um aparelho celular.

Abordamos essa problemática para mostrar a dificuldade de atrair o interesse dos estudantes para as aulas, em meio a essa infinidade de atrativos que o mundo tecnológico disponibiliza. Todavia, não estamos eximindo os alunos de suas responsabilidades, enquanto estudantes, já que precisam se desvincular dos aparelhos de entretenimento e demonstrar interesse em aprender e participar ativamente das aulas para poderem obter uma aprendizagem significativa. Como fora mencionado, esse é um dos aspectos que ressaltamos para descortinar alguns dos percalços enfrentados pelo professor na sala de aula.

Diante disso, as aulas de literatura que estejam voltadas apenas aos períodos literários ou a simples leitura do texto literário a fim de responder questionários com respostas fechadas, definitivamente não são capazes de despertar a atenção do aluno para as aulas.

Um dos caminhos mais promissores, como já foi mencionado, é trabalhar o texto literário de forma inovadora, ajudar o aluno a encontrar sentido no texto e a perceber que o texto literário pode falar mais dele e para ele, do que ele pode imaginar. Ao fazer essas descobertas, o estudante terá a possibilidade de enxergar a literatura de outra maneira, já que, dessa forma, ela poderá, também, passar a fazer parte do seu mundo.

Ler e não conseguir compreender o que se lê é algo extremamente frustrante. Muitas vezes isso ocorre com os alunos, por isso abandonam a leitura por falta de motivação em ler aquilo que não faz sentido para eles. Quando se trata de texto literário, a situação fica ainda mais complexa, tendo em vista que vários estudantes do ensino fundamental possuem dificuldades em compreender textos simples e conseguir retirar informações explícitas do texto.

Para que o aluno atinja uma devida compreensão do texto, além da necessidade de uma estrutura textual, a qual permita que o leitor seja capaz de construir os sentidos do texto, existem outros fatores que contribuem, efetivamente, para que se alcance a

compreensão leitora, como por exemplo: os conhecimentos prévios, os objetivos que foram traçados para tal leitura e a motivação de ler.

O grau de compreensão de um texto dependerá das informações prévias que o leitor já possui sobre o assunto. Além disso, dependerá também dos objetivos da leitura. É evidente que uma leitura, sem nenhum objetivo, será diferente daquela que possui um objetivo específico. Por exemplo: se imaginarmos o seguinte objetivo: ler para transmitir informações para outra pessoa. Caso não haja compreensão em alguma parte do texto, no ato da leitura, é natural que o leitor busque estratégias de leitura para compensar a falta de entendimento, ou então estratégias que permitam a devida compreensão. Entretanto ler por ler, sem objetivo, certamente, não fomentaria essa busca de estratégias de leitura.

Saber para que devemos ler textos literários, por exemplo, deve ser enfatizado pelo professor na sala de aula, visto que, quando o aluno perceber os motivos que o levarão diante da leitura de textos literários, essa prática poderá passar a ter sentido em sua vida.

Outro ponto crucial, no que tange ao processo de construção de sentidos no texto, é a motivação. Essa tarefa cabe ao professor: estimular, despertar e criar interesse no aluno para uma leitura que será feita posteriormente. Quando o aluno possui objetivos traçados previamente e passa por uma devida motivação, que lhe desperte curiosidade, é possível que, no final, tenha uma compreensão maior do texto do que se não dispusesse destes artifícios.

A motivação pode começar com a exposição do próprio título do texto que será lido. Esse ponto é onde o professor começa a despertar o interesse dos alunos. Também é uma oportunidade para que os estudantes levantem hipóteses sobre o texto e permaneçam atentos durante toda a leitura para testar essas hipóteses. Além disso, nesse momento, é essencial o início da ativação dos conhecimentos prévios, pois os alunos irão iniciar uma busca em seus esquemas mentais sobre aquele assunto. Todavia, tão importante como a ativação dos conhecimentos prévios, é a ativação e aquisição de novos conhecimentos, os quais podem ser estimulados, professor através de atividades que proporcionem a aquisição de novos saberes. Por isso, mais adiante indicaremos uma atividade que auxilie na aquisição de novos conhecimentos pelos alunos.

## 2.4 A sistematização da linguagem oral na escola através do texto literário: uma preparação para as diversas práticas sociais

Comumente, a escola e principalmente os professores de Língua Portuguesa preocupam-se com a escrita e com um bom desenvolvimento da competência leitora dos estudantes. Tal cuidado com leitura e escrita são imprescindíveis para a formação de alunos letrados. Todavia, os educadores, ao priorizarem a escrita em detrimento à fala, algumas vezes, se esquecem de estimular os alunos a desenvolverem essa habilidade, que é de extrema importância.

Saber argumentar e se posicionar criticamente sobre determinado assunto, além de facilitar na hora de se expressar e defender suas ideologias, são habilidades importantes para que o aluno seja capaz de participar das diversas práticas sociais. Portanto, o indivíduo que detém o poder de argumentação consegue se destacar entre os demais e obter êxito em suas relações sociais, seja no campo acadêmico, profissional ou afetivo.

A escola deve ser um ambiente de aprendizagem integrada, onde não só leitura e escrita sejam priorizadas, mas também a oralidade dos estudantes precisa ser estimulada e desenvolvida adequadamente para que estes possam ser inseridos nas práticas sociais.

Todas essas habilidades: leitura, interpretação textual, escrita e oralidade podem ser exploradas nas aulas de literatura com a utilização do texto literário, isso é o que pretendemos mostrar mais adiante.

O falante nativo de uma língua materna, desde os primeiros anos de vida, utiliza a modalidade oral da língua para se comunicar. Ao ouvir as pessoas que estão ao redor, começa a aprender e interagir com os outros através da fala. Mais tarde, aproximadamente aos seis anos de idade, inicia-se o processo de alfabetização com a criança na escola, a qual será ensinada a ler e escrever. Ao ingressar no ambiente escolar, o aluno já possui competência linguística necessária para estabelecer comunicação, isto é, o falante nativo de Língua Portuguesa entra na escola sabendo se comunicar oralmente com eficiência, visto que é capaz de construir discursos bem formados, pois, mesmo uma criança não alfabetizada, mas que seja falante nativa de Língua Portuguesa, no ato de sua comunicação, já internalizara as regras morfosintáticas e semânticas da língua.

Além disso, mesmo levando em conta as variações linguísticas, as pessoas que não utilizam a norma-padrão também obedecem a algumas regras que são essenciais para a compreensão do discurso. Um falante do dialeto caipira, por exemplo, não irá falar da seguinte forma: *da bicicleta minha quebrô corrente a*, mas falará: *a corrente da minha bicicleta quebrô*. Desse modo, mesmo ao adotar uma variação, que não está de acordo com a gramática normativa da Língua Portuguesa, o falante de sua língua materna obedecerá a critérios morfosintáticos e semânticos indispensáveis à compreensão da língua.

A comunicação oral exerce um papel importante na vida humana, já que, a todo momento, fazemos uso dessa modalidade nas mais variadas situações comunicativas do nosso cotidiano, porém, na escola, muitos alunos são silenciados por não possuírem o estímulo necessário para desenvolver a competência comunicativa.

Os professores de Língua Portuguesa por vezes, ao enaltecerem o ensino de leitura e escrita, acabam deixando de lado a oralidade, esquecendo-se da importância que tal modalidade exerce sobre a vida de um indivíduo. Ter o dom de falar bem, expressar suas ideias com clareza e ter persuasão é sinônimo de poder. A pessoa que tem um bom domínio da oralidade consegue se destacar nas diversas esferas sociais, além de saber argumentar e, portanto, lutar pelos seus direitos, caso seja necessário em determinada situação. É inegável o poder que um indivíduo que sabe se expressar exerce sobre os demais. Quem não possui essa habilidade pode se tornar um ser passivo, submisso e, sobretudo, influenciável.

A nossa língua é considerada um fenômeno social, por isso aqueles que não dominam as modalidades falada e escrita são impedidos de participarem ativamente das mais diversas práticas sociais, que exigem o domínio de tais modalidades. Isso ocasiona, também, uma interdição no direito de exercer plenamente a cidadania e, conseqüentemente, desfrutar de recursos comunicativos para lutar por direitos que contemplam os indivíduos. De acordo com Bortoni-Ricardo, “Em outras palavras, a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias”. (BORTONI-RICARDO 2014, p. 73).

Essa competência comunicativa a que Bortoni-Ricardo se refere deve ser sistematizada na escola, assim como a escrita. Dessa maneira, é necessário que o aluno disponha de momentos em sala de aula que propiciem o aprimoramento de sua oralidade, pois é na escola que o conhecimento deve ser sistematizado a ponto de

ensinar aos alunos a adequação da linguagem oral nas mais diversas situações comunicativas.

O estudante necessita aprender as diferenças existentes entre os diversos gêneros orais, além de saber diferenciar os níveis de formalidade, que deverá utilizar em determinadas ocasiões, por exemplo: saber que o comportamento diante de uma entrevista de emprego, ou apresentação de um seminário na escola, deve ser diferente de como se comportar em uma roda de conversa com pessoas com quem se tem familiaridade.

Diante disso, percebemos que, além de tantos outros, esse é mais um papel que deve ser desempenhado pela escola, por ser o local mais propício para a aquisição de conhecimentos sistematizados sobre a língua materna.

Ainda, consoante Bortoni-Ricardo,

é papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. Eles vão precisar especialmente de recursos comunicativos bem específicos para fazer uso da escrita, em gêneros textuais mais complexos e para fazer uso da língua oral em estilos monitorados. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74).

O trabalho em sala de aula com a oralidade tem perdido espaço para atividades que envolvem apenas a leitura e a escrita. O educador deve priorizar situações de aprendizagem que estimulem o desenvolvimento da oralidade de seus educandos, uma vez que, com a apropriação de conhecimentos, que possibilitem o aluno saber se comunicar, conseqüentemente, ele irá adquirir outros benefícios que irão contribuir, sobretudo, para o aprimoramento da leitura e escrita.

Ao priorizar a oralidade, não pretendemos desvalorizar o ensino de leitura e escrita, ao contrário disso. Sabemos o quão é importante esse tipo de trabalho com os alunos. Contudo, é de extrema relevância que os educadores incluam, em seus planejamentos didáticos, atividades que estimulem a participação oral de seus alunos, principalmente se atentarmos para o fato de que, teoricamente, a fala é primária em relação à escrita.

Tais atividades devem ser exercitadas diariamente. Diante disso, é importante dar vez e voz para que os jovens possam expressar suas opiniões, haja vista que não podem permanecer em uma condição de subalternidade, por serem incapazes de refutar uma ideia, ainda que esta seja lançada pelo próprio professor.

O pensamento de superioridade intelectual, atribuído ao professor em relação aos alunos, assim como a ideia de que o professor deve ensinar e o estudante deve apenas aprender, sem ter o senso crítico de questionar o assunto discutido, estão ultrapassados. Não é assim que se terá sucesso com a educação brasileira, pois o aprendizado é uma troca de conhecimento, isto é, no momento do ensinamento também ocorre aprendizagem.

Levar em consideração o conhecimento empírico adquirido pelos alunos em suas vivências, dentro e fora da escola, é muito significativo para o processo de ensino e aprendizagem. São muitas experiências vividas por cada um deles, as quais podem enriquecer o trabalho do professor em sala de aula. Entretanto, isso só será possível em um ambiente escolar, onde se valoriza a expressão oral de seus educandos.

O trabalho com a oralidade envolve diversos aspectos, pois é, por meio dela, que é possível também explorar a escuta ativa. No entanto, não basta apenas saber se expressar, também é imprescindível ser capaz de ouvir o outro e respeitar opiniões distintas.

Essa proposta de trabalho com a oralidade é importante ser abordada por todas as disciplinas, desde as séries iniciais, e não apenas pelo professor de Língua Portuguesa, haja vista ser comum ouvir que o ensino de leitura escrita e oralidade é obrigação exclusiva do professor de português. É possível desenvolver trabalhos assim, em todas as disciplinas. Inclusive, solicitar atividades diversas que envolvam práticas orais, o que torna o aprendizado mais concreto e dinâmico.

Alguns estudantes possuem experiências que podem ser relacionadas ao conteúdo estudado, contudo muitos sentem-se envergonhados de participar das aulas para relatar suas opiniões, por medo de serem motivo de deboche pelos colegas de turma. Outro fator que deve ser analisado com cautela, pois, desde cedo, os alunos devem ser ensinados a respeitar as opiniões dos demais colegas.

Ouvir o que os estudantes têm a dizer, assim como relacionar suas experiências aos conteúdos ministrados na escola, além de prepará-los para o convívio social, também é uma forma de aproximar o estudo à vivência e ao cotidiano de cada um deles. Tal atitude representa um grande passo em direção ao sucesso escolar, visto que o aprendizado passará a fazer sentido, pois já não será tomado como algo tão abstrato, portanto, desconectado da vida real de cada um.

Segundo Moran (2012),

O currículo precisa estar ligado à vida, ao cotidiano, fazer sentido, ter significado, ser contextualizado. Muito do que os alunos estudam está solto, desligado da realidade deles, de suas expectativas e necessidades. O conhecimento acontece quando algo faz sentido, quando é experimentado, quando pode ser aplicado de alguma forma ou em algum momento. (MORAN, 2012, p. 23).

Inspirado nas palavras de Moran, pretendemos apresentar uma proposta de ensino que viabilize a articulação dos conteúdos estudados na escola com a vivência dos estudantes, a fim de que a construção de sentidos no texto torne-se eficaz, mais prazerosa e ligada à realidade dos alunos.

Entretanto, para que tal proposta seja capaz de interligar vários conhecimentos, é imprescindível que atenda, não apenas uma modalidade da língua como, por exemplo, a língua falada ou a língua escrita, mas, sim, que seja capaz de englobar atividades de oralidade, leitura, interpretação textual e escrita em uma mesma sequência didática. Esses conhecimentos estão imbricados um no outro, pois não é possível separar o texto da leitura, assim como, a leitura da escrita e a interpretação da oralidade. Tudo está conectado e é necessário que o aluno se aproprie dos conhecimentos, através dessa contextualização e articulação do ensino.

Com relação ao trabalho com o texto literário, muito do que os alunos já conhecem sobre determinada obra, ou aqueles conhecimentos que adquiriram com tal leitura, por vezes, não são explorados de forma satisfatória. A maioria das atividades referentes à avaliação da leitura de textos literários resume-se a meras fichas de leituras ou a questões que exigem apenas uma transcrição do que aparece no texto.

É importante refletir sobre a disponibilização de um espaço, durante as aulas, para proporcionar aos estudantes a oportunidade de compartilhar as experiências de vida que possuem. Estimular os alunos a discutirem o texto e aproveitar os conhecimentos empíricos de cada um para promover um aperfeiçoamento da participação ativa e crítica dos alunos, nas aulas de literatura, através da oralidade é também imprescindível para o desenvolvimento dos educandos. Só a escrita do que possivelmente se compreendeu é importante?



Tais atividades precisam ser analisadas criteriosamente, visto que o momento de troca de experiências sobre o texto literário, por meio de uma conversa ou roda de leitura entre os alunos e o professor é essencial para estimular o senso crítico dos alunos. Tal prática deve ser iniciada nas series iniciais do ensino fundamental pelo professor de Língua Portuguesa. O aluno precisa ter o contato com o texto literário e aprender a falar sobre ele, sobre sua própria construção de sentido.

Dessa forma, acreditamos que nas aulas de literatura é importante que o professor planeje atividades com o texto literário, envolvendo as quatro habilidades: leitura, interpretação textual, escrita e oralidade. Posto que, o texto literário, ao possuir diversos saberes, como Roland Barthes nos explica, possibilita que os alunos façam uma leitura do texto e encontrem nele vários saberes e significados. Essa descoberta de significados e saberes viabiliza a construção de um debate em sala de aula, momento em que os estudantes poderão desenvolver três das quatro habilidades: leitura, interpretação textual e oralidade.

Após essa primeira etapa, o mediador pode passar uma atividade de produção textual. Existem várias possibilidades. Fica a critério do professor escolher uma que se adeque melhor a sua clientela. Todavia, sugerimos que os alunos produzam um texto analisando, por exemplo, um filme que o professor tenha disponibilizado aos estudantes, previamente, e que mantenha estreita relação com o texto literário estudado. Ao solicitar a análise do filme, o professor pediria aos alunos uma produção textual que articulasse o texto literário com o filme, e se possível com as experiências individuais dos estudantes. Dessa maneira, a escrita também seria trabalhada, ou seja, a partir de um texto literário, o professor poderia trabalhar as quatro habilidades. Portanto, nessa proposta pedagógica, optamos por articular leitura, interpretação textual, escrita e oralidade, pois acreditamos que assim estamos caminhando em direção ao letramento literário e à formação de leitores.

Diante do exposto, acreditamos ser possível explorar o texto literário, ao mesmo tempo em que se estimula o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, bem como, quando as atividades de leitura, interpretação e oralidade se unem em um mesmo plano de aula. Dessa forma, com os conhecimentos articulados entre si, os resultados obtidos, com a devida exploração do texto literário, tendem a ser satisfatórios.

## 2.5 O gênero crônica e sua relevância no ensino fundamental

O início da prática de contar histórias se confunde com a própria origem do Homem. Desde as civilizações primitivas, o ser humano já possuía o hábito de transmitir, oralmente, crenças, costumes e conhecimentos, através das narrativas que eram passadas de geração a geração. Na Antiguidade, antes do surgimento da escrita, que ocorreu por volta de 4.000 a. C., esse era o único modo que havia de se transmitir uma história e fazer com que ela ultrapassasse o tempo, já que nessa época ainda não havia a escrita para o registro.

Todavia, mesmo com o surgimento da escrita, tal prática não deixou de existir, pelo contrário, a escrita facilitou a divulgação e o registro das narrativas. Portanto, contar e ouvir histórias é uma necessidade inerente ao ser humano. Mergulhar em um texto ficcional, que também trata de problemas existenciais, é uma forma de refletir sobre alguns conflitos vivenciados por nós, pois não existe uma demarcação específica entre realidade e ficção, como por exemplo, no gênero crônica. As duas se mesclam a todo momento.

Além disso, podemos afirmar que a literatura brasileira nasceu com uma crônica, aquela feita por Pero Vaz de Caminha, o qual narra sobre o que haviam encontrado no Brasil, uma integração entre informação e literatura. A carta de Pero Vaz de Caminha não é só o primeiro documento histórico do Brasil, mas também, é considerada o primeiro texto literário brasileiro, como observamos no fragmento abaixo:

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível, mas sua importância histórica e sua presença constante até mesmo nos modernos poemas e narrativas parodísticos atestam que, pelo menos, ela é um começo de estruturação. É o marco inicial de uma busca que, inevitavelmente, começaria na linguagem dos “descobridores” que chegavam à Terra de Vera Cruz, até que um natural dos trópicos fosse capaz de pensar a realidade brasileira pelo ângulo brasileiro, recriando-a através de uma linguagem livre dos padrões lusitanos. (SÁ, 2005, p. 05).

Pero Vaz de Caminha, ao redigir a carta para El-rei, não a escreveu unicamente sob a forma de relato, narrando o que os descobridores haviam encontrado no Brasil em 1500. A carta possui outras peculiaridades, pois o autor a permeou de

características semelhantes às aquelas existentes na crônica literária, como o uso de metáforas e a não utilização de formalidades, já que Pero Vaz não utiliza os pronomes de tratamento ao se dirigir ao rei.

Além disso, a carta também possui outros aspectos da crônica literária como a linguagem com menor formalidade e a subjetividade que perpassam a crônica. Com isso, percebemos que a carta de Pero Vaz de Caminha apresenta estreita relação com a crônica literária, principalmente se considerarmos o fato de que, Caminha, além de ser escrivão, também era um escritor, o que provavelmente influenciou na estrutura literária da carta.

Por volta do século XIX, com o estabelecimento da imprensa no país, houve um crescimento na produção e divulgação das crônicas. Os autores passaram a produzir crônicas no intuito de divulgar os grandes acontecimentos históricos e também passaram a produzir e publicar crônicas em jornais, revistas e folhetins, que relatavam assuntos do cotidiano, como: política, vida social e costumes. Assim, as crônicas passaram a ter o caráter oscilante entre o jornalismo e a literatura.

Antônio Cândido em “A vida ao rés-do-chão” afirma que,

ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há pouco mais de um século e meio. No Brasil, ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. (CÂNDIDO, 2003, p.89).

Vale lembrar que a crônica não trata apenas do relato de uma narrativa. A crônica literária não tem simplesmente o objetivo de relatar um acontecimento, é muito mais profundo e vai muito além que um simples relato. A crônica tem o poder de falar sobre o ser humano, por meio de um fato corriqueiro e de uma representação da realidade. Em um relato conta-se fielmente, ou pelo menos é uma tentativa, como algo aconteceu; já em uma crônica, a realidade é reinventada para poder ser representada através do texto. Isso é literatura, por isso a crônica é um texto literário.

No momento em que tentamos compreender a nossa própria face através do outro, já não queremos um espelho que simplesmente reproduza aquilo que conhecemos. Queremos ir mais longe — e, se o conseguimos, é pela imagem poética, que elimina o vazio entre a representação da realidade e a realidade conforme os padrões que orientam o nosso olhar. (SÁ, 2005, p. 51).

Diante de tais características, e devido ao fato de a crônica possuir uma linha tênue entre ficção e realidade, nessa dissertação, optamos pela escolha desse gênero textual, que possibilita aliar o texto literário com a vida do aluno, fazendo com que ele possa aprender a apreciar a literatura, através do texto literário e buscar o autoconhecimento por meio dela.

Sobre as crônicas, Cândido afirma que: “por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem, mais do que poderia fazer um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.” (CÂNDIDO, 2003, p.90).

Outro aspecto importante, presente na crônica, é a linguagem ambígua, pois, em certo sentido, e algumas vezes, facilita a compreensão e aproximação do aluno ao texto literário.

Destarte, trabalhar a literatura no ensino fundamental, por meio do gênero textual crônica é uma excelente estratégia de ensino para que os estudantes comecem a apreciar o texto literário. Por ser um texto narrativo curto e com linguagem acessível, pode ser de fácil compreensão para os adolescentes, sendo necessária, apenas, uma boa mediação leitora pelo professor.

Além de todas as características que foram elencadas, o motivo desencadeador para a escolha do gênero textual crônica diz respeito à proximidade que as temáticas do gênero mantêm com a realidade. Isso facilita a articulação entre o enredo da crônica e as experiências de vida do aluno. Dessa forma, esperamos que seja possível contribuir com o ensino de literatura, em alguma medida, através da proposta dessa dissertação, a qual almeja fazer com que o aluno perceba que o texto literário reflete a realidade do Homem, e que através da literatura, é possível aprender diferentes saberes, bem como aprender a enfrentar e/ou superar alguns conflitos existenciais, os quais são abordados em textos literários.

Nas séries iniciais, os alunos têm muito contato com a tipologia narrativa através de contos como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros, o que significa que já existe uma familiarização, ainda que pequena, com textos narrativos. O gênero textual que se propõe a ser trabalhado não é o conto, pois, como essa proposta está voltada para alunos do nono ano do ensino fundamental, parece-nos mais adequado trabalhar-se com as crônicas, tendo em vista que esse gênero é o escolhido pelas Olimpíadas de Língua Portuguesa. Inclusive, essa proposta de ensino pode auxiliar os professores que trabalham sob uma perspectiva voltada para as Olimpíadas.

Além disso, a crônica é um gênero textual, que também faz parte do universo infanto-juvenil. Existem muitas crônicas voltadas para a leitura de adolescentes, por isso a escolha do texto literário, que será abordado nas aulas, pode representar o sucesso ou o fracasso na aprendizagem dos alunos. Saber escolher uma boa crônica, a qual irá se adequar à faixa etária dos alunos e aos conhecimentos prévios, que tal idade permite que tenham, além de saber se o tema do texto interessa aos estudantes, ou se pode ser relacionado, de alguma forma, à realidade deles, é de fundamental importância para uma compreensão significativa do texto.

Em cada crônica existe um acontecimento e esse fato, ao longo do texto, desperta o interesse no leitor em descobrir qual será o desfecho, ou seja, o autor ao escrever uma crônica, tem uma intenção com relação ao leitor, seja de encantar, estimular a reflexão, aterrorizar, enganar ou denunciar uma realidade. Portanto, é essa intenção, previamente elaborada pelo autor, que poderá estimular a leitura do texto literário.

Muitos autores de crônicas, inclusive, utilizam a técnica do suspense para aguçar a curiosidade do leitor e prender sua atenção. Os fatos vão se sucedendo, paulatinamente, até chegar ao clímax, momento de maior tensão do texto, quando são dadas as informações necessárias para se juntar o quebra cabeça e atingir a compreensão textual.

A clareza, objetividade, brevidade e compactação, características presentes na crônica, são fatores que podem facilitar o trabalho com o texto literário, pois, pelo fato de possuir essas qualidades, o texto torna-se mais compreensível aos alunos quando apresenta uma linguagem acessível, sob a forma de um texto curto, o que pode auxiliar em relação à reclamação dos alunos, sobre a utilização de textos extensos nas aulas.

Todavia, por ser um texto compacto, a crônica não perde em grandeza de conteúdo, visto que, se for utilizada devidamente, pode proporcionar uma aula que envolva diversos saberes. Caberá ao professor explorá-la de forma adequada e não torná-la restrita a perguntas, com respostas copiadas fielmente da crônica, ou limitar as atividades de interpretação a meros resumos, fazendo com que o aluno apenas repita o que foi dito no texto.

Esse tipo de atividade com o texto literário está fadado ao fracasso, pois só reforça o desânimo dos alunos pela leitura e pelas aulas de literatura. Estudar literatura não é isso, não é utilizar o texto literário como pretexto para atividades

banais, sejam de gramática ou não. A abordagem deve ser outra, deve partir de uma concepção de aprendizagem significativa para o aluno.

O papel do professor, no que diz respeito ao estudo com textos literários, é um trabalho de mediação, o qual deve auxiliar no processo de construção de sentidos pelo aluno. É interessante que o estudante faça relações entre o que é apresentado no texto com as experiências de vida que possui. Em algum momento, o aluno precisa se ver no texto para que assim, aquilo que é lido, passe a fazer sentido para ele.

## 2.6 A alegoria como proposta de letramento literário

Entendemos que a palavra alegoria traz a significação de mais de um discurso. Assim, através do texto alegórico é possível expressar vários discursos dentro de um, pois a alegoria cria um ou mais sentidos além do literal. Dessa forma, temos um discurso explícito que sugere outros discursos implícitos, percebidos por meio de uma leitura profunda, nas entrelinhas do texto literário.

No ato da leitura de um texto alegórico, o leitor se depara com uma explosão de analogias, que poderão ser feitas de acordo com os conhecimentos prévios que ele possui acerca da temática do texto. Várias possibilidades de significações são exploradas no contato entre leitor e texto alegórico.

Em um texto alegórico, temos o sentido literal imbricado no sentido figurado, ambos caminham juntos na construção do texto e se complementam.

Consoante, Kothe: “uma vez que, conforme seu étimo, *alegoria* significa “dizer o outro”, nela cada elemento quer dizer outra coisa que não o seu sentido original”. (KOTHE, 1986, p.52)

Enfocando a alegoria, sob o ponto de vista hermenêutico, entendemos que se aprofundar na leitura de um texto alegórico é descortinar um mundo de plurissignificações ocultas, por detrás de um único significado explícito. Destarte, a leitura alegórica, na perspectiva de desocultar sentidos, requer certo grau de maturidade leitora e bastante atenção a fim de que seja possível perceber as pistas que serão fornecidas ao longo do texto.

Diante dessa complexidade e necessidade de um maior cuidado com a leitura de um texto alegórico, como seria possível ensinar alunos do ensino fundamental a construir sentidos mediante um texto alegórico?

Conforme nos ensina Penha:

ao refletirmos sobre a alegoria parece-nos que o problema fulcral está em saber como abarcar as inúmeras possibilidades de interpretação que a alegoria suscita. Entretanto, essa inquietação pode se resolver se nos reportarmos ao que já assinalamos no início deste percurso histórico sobre alegoria. Somente pela leitura alegórica conseguiremos desvelar os diferentes níveis de um texto alegórico, o que significa considerar que é preciso examiná-la como procedimento artístico dentro de um universo ficcional específico, o qual solicita de nosso olhar crítico instrumentos afiados de leitura. (PENHA, 2007, p. 32).

Ora, para alcançar o objetivo de uma boa mediação leitora para alunos do ensino fundamental, o caminho mais propício a ser percorrido é aquele que é norteado pelo próprio texto literário, pois é a partir dele que o educando poderá construir sentidos e se apropriar de várias significações contidas no texto alegórico, inicialmente com o auxílio do professor. Em seguida, o estudante poderá ser capaz de percorrer seus próprios caminhos e desocultar sentidos existentes no texto.

É nesse ponto que se encaixa a proposta de letramento literário por meio da alegoria. Tal recurso permite ao leitor uma apropriação de plurissignificações, existentes no texto alegórico, as quais podem facilmente ser associadas à realidade do ser humano, enquanto um ser social e cultural; social por interagir com outras pessoas e com tudo aquilo que o circunda, e cultural por partilhar valores, crenças e costumes.

O olhar, que explora no texto alegórico, a capacidade fantástica que ele possui de falar ao Homem sobre ele mesmo, transpondo os sentidos literal e figurado da linguagem, pode contribuir para promover o letramento literário, bem como articular a seguinte estrutura trimembre: leitor, mundo e texto literário.

Mas a tentativa de entender de modo efetivo o que está sendo dito numa alegoria oriunda da necessidade de saltar o fosso que existe entre o significado primeiro, aparente, e aquele significado outro, mais verdadeiro, que lhe é subjacente acaba provocando um esforço exegético capaz de arrastar a um horizonte que transcende o significado convencional. (KOTHE, 1986, p.18).

Este é o objetivo que pretendemos alcançar com essa proposta: levar o estudante a descobrir vários significados e não apenas um, sobretudo, aqueles que se inter-relacionem com a própria realidade, pois, ainda que um texto literário seja fantasioso, a construção dele se dá a partir da representação da realidade.

### **3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO NO QUE TANGE AOS TEXTOS LITERÁRIOS**

Pretendemos oferecer uma proposta metodológica com o ensino de literatura, baseada em uma perspectiva de letramento literário e voltada para a aproximação da literatura à vivência dos educandos, como forma de apontar caminhos que possibilitem o aluno a construir sentido ao que é lido. Para isso, optamos por fazer uma análise do livro didático para averiguarmos se o manual escolar, no que tange ao ensino de literatura, oferece metodologias que condizem com nossa proposta didática.

Essa análise possui o intuito de verificar como o material didático explora os textos literários e analisar se, ao abordá-los, corrompem sua qualidade artística, dissociando-o da sua função primária, isto é, se ao utilizar a literatura, o manual escolar transforma os textos literários em meros textos didáticos a fim de que o educando analise apenas o aspecto linguístico e estrutural do texto, em detrimento à construção de sentidos.

Pretendemos constatar se o material didático explora a possibilidade de várias interpretações textuais, a riqueza dos vários sentidos, os quais podem ser construídos no texto literário. Verificaremos também, se o manual escolar, de alguma forma, estimula a aproximação do aluno à literatura, fazendo-o perceber, que através dela, podemos aprender, não só conteúdos escolares, mas também, temos a oportunidade de aprender lições de vida, as quais poderão nos auxiliar durante toda nossa existência como experiência empírica, enquanto seres humanos que somos, propensos a passar por situações de conflito.

Para análise do manual didático é necessário entendermos sua origem e seu histórico no nosso país. Por isso, faremos uma breve exposição de como o livro didático era selecionado, além de suas principais características, desde o início de sua utilização, até os dias atuais.

A utilização de livros para fins didáticos não se restringe à atualidade, pelo contrário, tal hábito é uma prática antiga. Podemos dizer que, desde meados do século XV, em 1451, com a invenção da prensa de tipos móveis, por Johan Gutenberg, a sociedade passou a ter maior acesso ao conhecimento por meio da escrita. Com isso, a propagação do conhecimento passou a ser desterritorializada, pois com a criação dessa nova tecnologia, o conhecimento e as informações não mais eram restritos a uns poucos privilegiados.



No Brasil, o livro didático surgiu em 1930 com a criação do Instituto Nacional do Livro, órgão incumbido de coordenar a produção e distribuição do material didático. Em 30 de dezembro de 1938 foi publicado o Decreto-Lei nº 1.006, o qual determina as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Nesse mesmo decreto, também foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), bem como suas atribuições, dentre elas:

- a) Examinar os livros didáticos que lhe forem apresentados, e proferir julgamento;
- b) Estimular a produção e orientar a importação de livros didáticos;
- c) Indicar os livros didáticos estrangeiros de notável valor, que mereçam ser traduzidos e editados pelos poderes públicos, bem como sugerir-lhes a abertura de concurso para a produção de determinadas espécies de livros didáticos de sensível necessidade e ainda não existentes no país;
- d) Promover, periodicamente, a organização de exposições nacionais dos livros didáticos cujo uso tenha sido autorizado na forma dessa lei.

É importante ressaltar que, nessa época, o país estava no regime do Estado Novo, um período marcado pela centralização do poder, nacionalismo e autoritarismo. Tais aspectos são relevantes para compreendermos que os livros didáticos dessa época eram controlados, para que não houvesse divergência com os valores político-ideológicos impostos pelo governo. Na seleção dos livros para serem adotados, a CNLD priorizava aspectos político-ideológicos em detrimento aos didático-metodológicos.

Em 04 de outubro de 1966 foi instituída a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED) pelo decreto nº 59.355. Esse programa foi responsável pela distribuição de livros às escolas para as três modalidades de ensino: primário, secundário e superior. Em 06 de janeiro de 1967, o Ministério da Educação e Cultura, juntamente com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros e a Agência Norte-Americana, firmaram um convênio para oferecer mais de 51 milhões de livros aos estudantes, por um período de três anos, em todo o país.

Em um primeiro momento, tal iniciativa parecia ter sido pensada para o desenvolvimento da educação brasileira, todavia, houve muitos protestos e denúncias da população a qual denunciou irregularidades e controle americano sobre os conteúdos dos livros. Tais fatos contribuíram para a extinção da COLTED em 1971.

Com o fim da COLTED, o Instituto Nacional do Livro (INL) ficou com a incumbência de desenvolver o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Nos anos posteriores, quando esse ofício foi transferido para a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) em 1976, começaram a surgir programas que beneficiavam a população carente, através do oferecimento do material didático de forma gratuita.

Em seguida, já na década de 80, a responsabilidade com o Programa do Livro Didático ficou a cargo da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), fato que trouxe algumas dificuldades para o desenvolvimento do programa nessa época, visto que muitos livros de péssima qualidade foram adotados pelas escolas, comprometendo, assim, a aprendizagem dos alunos.

O MEC, em 1994, estabeleceu uma equipe de especialistas para analisarem os livros que seriam adotados pelas instituições de ensino públicas. Santos faz ponderações sobre como a autoridade do professor foi destituída e também sobre como a concepção de ensino foi reduzida à tríade: livro didático, professor e aluno.

Pela política “bem-intencionada” da censura positiva, estabelece-se uma forma ideológica (de aparente naturalidade) de destituição da autoridade do professor, de sua condição de sujeito capaz de produzir sentidos, de interpretar. Observa-se, assim, a perpetuação dos “lugares” no cenário educacional com papéis bem demarcados. O governo diagnostica um problema no sistema educacional, convoca especialistas para opinar e apresentar soluções. Os especialistas concluem que se deve formar bem o professor e avaliar o livro didático, limpando-o de suas impurezas ou abolindo-o, se necessário. Assim, encontrar um bom livro didático pode assegurar a boa formação do professor e do aluno. Observa-se o reforço da concepção do livro didático enquanto fonte primeira de verdade, do saber transmitido na escola, além do reducionismo de uma concepção de ensino, da prática pedagógica, numa correspondência direta entre livro didático e professor-aluno (Santos 2007, p.31 apud SOUZA, 1999, p.63).

Como vemos, várias iniciativas foram adotadas pelo governo na tentativa de melhorar a qualidade do material didático oferecido aos alunos. Contudo, como Santos menciona, há um grande equívoco em acreditar que a simples seleção de um bom material didático é capaz de fazer com que os estudantes aprendam de fato.

Devido aos problemas causados pela má administração da FAE, esse órgão foi extinto em 1996, passando, dessa forma, seus encargos para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), mudança que contribuiu, significativamente, para uma melhora considerável na qualidade dos livros oferecidos às escolas brasileiras. A partir dessa época, todos os estudantes do ensino fundamental tiveram o benefício de receber material didático gratuito para todas as disciplinas.

Em 1996, apenas os alunos do ensino fundamental tinham acesso ao livro didático gratuitamente. Contudo, a partir de 2004, com o crescimento do programa e a criação do Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM), os alunos do ensino médio também passaram a ser beneficiados.

Atualmente, todos, ou pelo menos a maioria dos alunos das escolas públicas, têm acesso ao livro didático, pois no início de cada ano letivo, o material escolar, selecionado pela escola, é distribuído para os estudantes. Assim, cada aluno recebe um livro didático para cada disciplina.

De acordo com Batista, o livro didático foi criado para,

auxiliar no ensino de uma determinada disciplina, por meio da apresentação de um conjunto extenso de conteúdos do currículo, de acordo com uma progressão, sob a forma de unidades ou lições, e por meio de uma organização que favorece tanto usos coletivos, quanto individuais (BATISTA, 2005, p. 15).

O material didático passa por uma rigorosa avaliação, desde o momento em que as editoras se inscrevem para concorrer com outros livros, até o momento em que passa por especialistas nesse tipo de análise. Além disso, nas escolas, também, o professor tem a oportunidade de opinar sobre qual livro acha pertinente ser adotado.

Contudo, apesar da existência de pessoas especializadas em selecionar um bom material didático, que auxilie na aprendizagem dos educandos, essa análise do livro didático, que faremos a seguir, será feita para verificar, se no que tange ao ensino de literatura, o livro didático analisado consegue oferecer atividades que condizem com um ensino voltado para a formação de leitores literários. Como foi dito anteriormente, concebemos a leitura como um processo de interação constante entre texto e leitor em que a construção de sentido dependerá da relação entre esse processo interativo com os conhecimentos prévios do leitor.

Através da experiência de sala de aula, percebemos que o livro didático, na maioria dos casos, ao utilizar textos literários e oferecer atividades sobre ele, engloba exercícios que priorizam apenas a análise dos aspectos linguísticos e estruturais do texto. Isto posto, por vezes, estimular os estudantes a praticarem exercícios cruciais como os de interpretação textual, fica em segundo plano, ou talvez nem isso.

Em alguns casos, o que presenciamos é o texto literário sendo utilizado apenas como pretexto para responder questionários com respostas fechadas, os quais, como já foi dito, priorizam aspectos linguísticos e estruturais em detrimento à interpretação textual e construção de sentidos.

Entendemos que o livro didático, atualmente, já sofrera considerável modificação em relação aos de décadas anteriores, nos quais podíamos perceber nitidamente a existência de atividades com o uso do texto literário, apenas como pretexto para a prática de exercícios exaustivos de gramática.

É, através do livro didático, que os alunos têm contato com várias leituras, por isso convém averiguarmos qual a qualidade dos textos que estão sendo oferecidos aos estudantes, se temos ou não, a presença de textos literários e quais as propostas de atividades são abordadas no material didático.

O livro didático é uma mercadoria do mundo moderno e por isso está sujeita a reproduzir valores ideológicos, culturais e políticos. Diante disso, caso o professor não atente para esse fato, corre o risco de facilitar o repasse de tais valores aos alunos de maneira acrítica, sem estimular o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes.

O educador necessita ficar atento para não se tornar um mero instrutor do livro didático e exercer apenas a tarefa de dizer em que página do livro o aluno deve abrir a atividade.

Sabemos que o material didático pode ter um papel crucial durante as aulas, entretanto, por vezes, o que presenciamos é uma utilização errônea do livro didático, principalmente quando ele é usado como recurso prioritário, ou como único recurso educacional.

Batista nos alerta que devemos atentar para a “provisoriedade” do livro escolar, quando afirma que o livro:

se desatualiza com muita velocidade. Raramente é relido; pouco se retorna a ele para buscar dados ou informações e, por isso, poucas vezes é conservado nas prateleiras de bibliotecas pessoais ou de instituições: com pequena autonomia em relação ao contexto da sala de aula e à sucessão de graus, ciclos, bimestres e unidades escolares, sua utilização está indissolúvelmente ligada aos intervalos de tempo escolar e à ocupação dos papéis de professor e aluno (BATISTA, 2005, p. 20).

Assim, o material didático só pode ser utilizado por um espaço de tempo determinado, por necessitar de constante revisão e atualização. O manual escolar é

uma fonte preciosa de conhecimento. Porém, o professor pode potencializá-lo, tornando-o mais produtivo.

O livro selecionado para análise é o livro *Português do Projeto Teláris*, do 9º ano de Língua Portuguesa, e tem como autoras Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi (Editora Ática, 2012), adotado pela escola de Educação Básica, Drº João Batista Aguiar, localizada na cidade de Rio Branco – Acre, onde exercemos a docência.

Inicialmente, a capa do livro possui algumas imagens relacionadas à tecnologia e o livro traz o nome do projeto Teláris. Abaixo, podemos ver a capa original do livro:



Figura 1 – Capa do livro didático.  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

Nas páginas iniciais, o livro didático é autoexplicativo e mostra a estrutura do material. Na sequência, temos o sumário, e através dele, podemos elencar os gêneros textuais explorados no livro, quais sejam: poema, tira, conto, romance, entrevista jornalística, editorial, notícia, letra de música, filme, artigo de opinião, cartum, charge, cartaz e manifesto.

Com relação às características do livro, ele possui muitas ilustrações, por isso a linguagem visual chama a atenção do aluno. Um fato positivo é a forma pela qual os textos literários são apresentados no livro, pois eles são abordados integralmente e não de maneira fragmentada.

Os textos escolhidos possuem linguagem acessível e estão de acordo com a faixa etária dos alunos da série. Quanto às atividades, existem questões de interpretação textual, todavia a maioria dos exercícios priorizam a aprendizagem de

algum conteúdo do currículo escolar, com isso, conseqüentemente, o texto literário não é explorado, devidamente, como poderia ser.

Nos contos, por exemplo, o livro traz atividades que enfatizam bastante os elementos da narrativa como: personagens, enredo, clímax e tipos de narrador. Além disso, existe uma proposta de atividade no livro chamada de Prática da Oralidade, a qual oferece questões para que o professor possa fazer um debate em sala de aula com os alunos, promovendo, assim, o desenvolvimento da fala e escuta ativa dos estudantes. As questões formuladas são bem interessantes e proporcionam um estímulo à participação oral dos educandos.

Na introdução do livro é abordada a questão da língua na era da informação e na página 11 temos o primeiro texto literário, a letra da música de Gilberto Gil *Pela internet*, o qual que é composto por várias palavras do universo tecnológico. Ao lado do texto, existem algumas ilustrações com imagens relacionadas à tecnologia. Embaixo do texto, vemos um trecho com a foto de Gilberto Gil e algumas informações sobre a biografia do autor.

Nas páginas seguintes ao texto literário, as autoras do livro trazem alguns textos informativos sobre tecnologia e três textos literários também sobre a mesma temática: um conto, um miniconto e uma charge.

Nessa primeira etapa do livro didático, não existe nenhuma proposta de atividade sobre os textos mencionados anteriormente. A nosso ver, percebemos que o objetivo das autoras, nesse primeiro momento, era de proporcionar situações de reflexão sobre os usos da linguagem em meio ao desenvolvimento tecnológico e a criação de novas palavras e expressões.



Figura 2 – Página 11 do livro didático.  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

No capítulo I, vemos o estudo do gênero poema e inicialmente, na página 21, temos o poema, *O amor quando se revela*, de Fernando Pessoa. À página 22, aparece o texto, *Madrigal*, de José Paulo Paes e em seguida, à página 23, uma proposta de atividade sobre os poemas.

A primeira questão da atividade é uma questão com alternativas e pede para o aluno copiar as alternativas corretas em relação ao poema. A segunda e a quarta perguntas exploram a questão do eu lírico. A terceira e a sétima questões referem-se às formas verbais existentes no poema. A quinta questão trabalha a oposição existente no poema através do uso da conjunção adversativa: mas.

À página 25, temos a atividade Linguagem e construção dos textos, a qual explora a comparação dos textos através da temática, pois os dois textos abordam a mesma temática referente ao amor. À página 26, vemos um poema com interações entre a linguagem verbal e não verbal, de Arnaldo Antunes, em seguida à página 27, vemos uma atividade de interpretação textual.

Uma característica que chama a atenção é que, após cada poema, existe um trecho informativo, abaixo do poema, que informa sobre as principais características da trajetória dos autores. Como podemos observar nas imagens abaixo:



Figura - 3 Informações sobre o autor  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

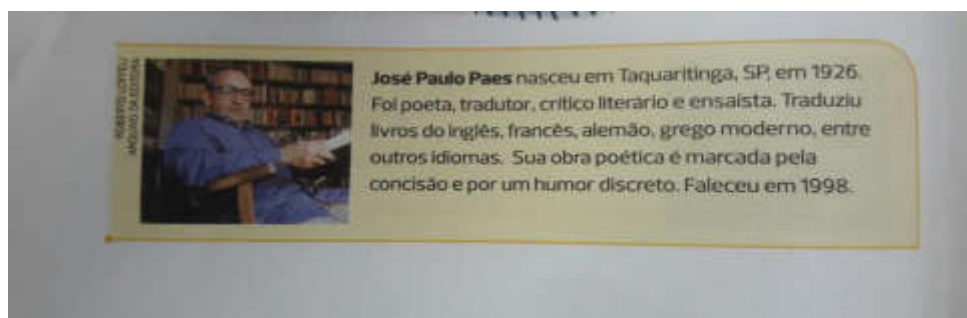


Figura - 4 Informações sobre o autor  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

Durante todo o capítulo I são trabalhados poemas, inclusive poemas visuais. As figuras de linguagem também são exploradas nessa etapa, juntamente com a tira, sempre em uma sequência com poemas e atividades sobre o texto. À página 43, as autoras optaram por elaborar uma proposta de produção textual inspirada no poema de Eduardo Galeano. Nessa atividade, as autoras oferecem um passo a passo de como produzir um poema visual: sugerem que seja feito, pelos alunos, um recorte de palavras, que serão colocadas em caixas, de acordo com a classificação de cada uma delas: palavras “engraçadas”, “tristes”, “alegres”, entre outras, para posteriormente serem selecionadas para compor o poema.

A atividade apresenta uma maneira criativa de produção textual, que pode contribuir para despertar o interesse do aluno em participar ativamente na produção do poema. Além disso, essa proposta associa linguagem verbal com linguagem não verbal para a produção do poema visual e, ao final da proposta, sugere que os estudantes façam uma leitura crítica do que foi produzido, revisando o próprio texto.

Outro aspecto importante nessa proposta é que, ao final, os estudantes devem socializar as produções, apresentando o poema visual aos colegas. Dessa forma, no momento da apreciação do trabalho do colega, estimula-se a interação, a escuta ativa e a troca de conhecimentos entre os alunos.



Figura - 5 Atividade de produção textual  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

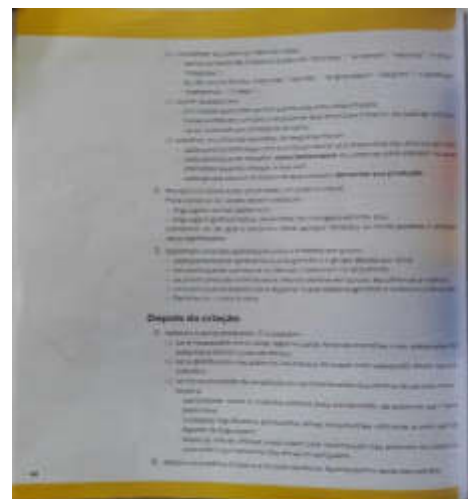


Figura - 6 Atividade de produção textual  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).



No capítulo 2, o gênero textual estudado é o conto, mais precisamente minicontos. Vários minicontos são abordados no capítulo e, em seguida, é apresentada uma atividade de interpretação textual. As autoras permaneceram com a temática sobre a linguagem rápida e concisa usada atualmente como consequência às inovações tecnológicas. Tal assunto também foi explorado na abordagem dos contos, como podemos observar na imagem abaixo:



Figura -7 Capítulo 2  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

À página 48, temos o conto *Circuito fechado (3)*, à página 52, o conto *73* e à página 54, o conto *No Messenger*, todos tratam da mesma temática sobre a questão das tecnologias. Após o término de cada texto, temos uma atividade de interpretação textual. A atividade explora bastante as características dos personagens envolvidos na narrativa, assim como os outros elementos da narrativa. Já na atividade da página 55, temos um exercício que compara os contos, fazendo com que o estudante observe as semelhanças e diferenças entre eles.

À página 56, temos uma proposta de atividade chamada de Prática da oralidade, a qual traz questões para que o professor inicie um debate com os alunos. As perguntas são interessantes para fomentar uma discussão sobre a temática estudada, com os estudantes, conforme podemos observar na imagem a seguir:



Figura – 8 Atividade de oralidade  
Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

De acordo com a atividade acima, podemos ver que as questões estimulam o pensamento crítico do estudante, possibilitando que este reflita sobre como as relações sociais são afetadas pela linguagem rápida, concisa, comumente usada nas interações através da tecnologia.

Como podemos perceber, as autoras, do livro didático analisado, investiram em uma temática relacionada com as tecnologias, a qual faz parte do universo infanto-juvenil, visto que os estudantes com a faixa etária dos alunos que estão inseridos no 9º ano do ensino fundamental, já nasceram imersos nesse processo de desenvolvimento tecnológico, o qual vivenciamos atualmente.

De acordo com a análise feita no material didático, concluímos que o livro apresenta boas propostas de atividades e produções textuais referentes aos textos literários. Percebemos que as autoras propõem exercícios que estimulam a leitura, interpretação textual, oralidade e produção de textos.

Todavia, é importante ressaltar um aspecto que ao nosso ver poderia ser mais explorado com os alunos: é justamente a questão da associação do texto literário com a realidade do aluno. Tal aspecto é trabalhado no livro, porém, não com tanta intensidade como propomos durante essa pesquisa, quando utilizamos as três forças da literatura apresentadas por Barthes, para embasar nosso trabalho.

Além disso, acreditamos que as atividades de interpretação textual também poderiam ser mais trabalhadas no sentido de explorar e priorizar a interpretação dos vários sentidos e discursos existentes no texto literário.

Dessa forma, o material didático analisado contempla uma boa proposta de ensino que pode contribuir para a aprendizagem dos alunos, inclusive nas aulas de literatura. Contudo, acreditamos que o livro didático não deve ser o principal, ou o único recurso didático utilizado pelo professor, o qual, além de buscar outras fontes, também pode complementar as atividades com outros exercícios, os quais podem ser elaborados pelo próprio educador. Assim, o professor terá a possibilidade de incluir as questões que o livro didático, somente, não consegue abordar.

Nenhum livro didático sozinho é capaz de abordar todos os conteúdos que os estudantes precisam estudar, por mais que seja um material excelente e ainda, que ofereça bons textos e boas atividades que englobem leitura, interpretação textual, oralidade e produção, sempre existe algo que pode ser complementado pelo professor. Alunos e professores podem interferir no conteúdo e nas atividades. O fato de o livro didático estar impresso, de ser um livro, não o torna um saber categórico.

Tomando como pressuposto de que o professor não é um mero reproduzidor de conhecimento, todavia um produtor de conhecimento, acreditamos que o material didático pode ser usado apenas como suporte para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, não devendo portanto, ser seguido, minuciosamente, como se segue um manual de instruções. As necessidades dos alunos são diferentes em cada turma e cabe, ao educador, fazer os ajustes necessários a cada clientela.

Como foi constatado desde o início dessa análise, o livro didático, ao longo dos anos, passou por transformações, pois no que tange à qualidade, podemos afirmar que o manual escolar evoluiu bastante. Porém, se o material didático unicamente fosse capaz de proporcionar situações didáticas completas, e totalmente eficazes aos alunos, de que valeria a presença do educador em sala de aula? Por isso, defendemos a ideia de que o livro didático deve sim ser utilizado nas aulas, todavia como um, entre os vários recursos educacionais, dos quais o educador pode dispor.

O educador pode, inclusive, utilizar o material didático no planejamento e fazer alterações e adequações para proporcionar uma aula mais completa, contextualizada e ligada à realidade do aluno.

Nessa proposta de ensino, que ofereceremos nos capítulos seguintes, ofertaremos uma metodologia que busque aliar o ensino de literatura com a realidade vivenciada pelos alunos, utilizando as três forças da literatura a fim de tornar a aprendizagem do estudante mais dinâmica e contextualizada. O livro didático sozinho pode não conseguir proporcionar situações didáticas suficientes, capazes de fazer

essa interligação entre a literatura e a vida do aluno, por isso no capítulo seguinte propomos uma metodologia que possa, em certa medida, auxiliar o trabalho do professor em sala de aula.

## 4 METODOLOGIA

No ensino fundamental, comumente, as aulas de literatura são ministradas de maneira superficial. Por vezes, o texto literário não é devidamente explorado, ou ainda, é estudado de forma desconectada da vivência do aluno. Além disso, algumas vezes, é utilizado inadequadamente, apenas como pretexto para o ensino de certo conteúdo, ou para o preenchimento de fichas de leitura.

No ensino médio, em alguns casos, as aulas de literatura são voltadas para o estudo dos estilos de época, desde os primeiros movimentos literários, bem como para uma análise sobre a vida dos autores, sua trajetória e quais características influenciaram a escrita de determinado texto, isto é, a História e o aspecto cronológico são privilegiados em detrimento do texto literário.

Diante disso, percebemos que o ensino de literatura, nesses casos, ao ser abordado dessa forma, infelizmente, não contribui para a formação do aluno enquanto cidadão, já que o conhecimento e os benefícios das três forças da literatura estão sendo negados a eles.

Considerando esse panorama do ensino de História da literatura é que pretendemos desenvolver uma proposta de trabalho, com um ensino que, de fato, focalize o texto literário e não apenas períodos literários ou biografia de autores. Fica evidente que tais informações são importantes, todavia não são imprescindíveis para compreensão global do texto, já que o texto literário se basta enquanto significado. Dessa forma, tal proposta de intervenção pedagógica será construída de maneira que o objetivo esteja voltado para a valorização da literatura e a formação de leitores.

Ao propor uma nova abordagem sobre o ensino de literatura, é necessário que outras perspectivas de ensino também sejam reformuladas. Por exemplo, muitos conteúdos que os alunos estudam estão, de certa forma, desarticulados com o cotidiano deles. No entanto, percebe-se que é viável que o mediador construa uma ponte entre os conteúdos escolares e a realidade dos alunos. Desse modo, o aprendizado passará a fazer sentido para os estudantes.

O tipo de pesquisa escolhida para o desenvolvimento do nosso projeto foi a pesquisa bibliográfica pelo fato de existirem vários autores que discutem essa nova abordagem de ensino da literatura. Isto posto, apoiamo-nos em autores renomados como Roland Barthes, Antônio Cândido, Umberto Eco, dentre outros, os quais forneceram grande contribuição para a elaboração do presente trabalho.

Antes de se pensar em construir uma proposta de intervenção, é fundamental possuir algumas concepções bem definidas, para que, a partir dessas concepções, seja possível utilizar a teoria dos grandes estudiosos e aplicá-la à prática em sala de aula. Portanto, é no mínimo contraditório que um professor ensine literatura sem antes possuir uma linha de pensamento sobre ela e ter uma concepção estabelecida do conceito de literatura, além de entender quais os objetivos de ensiná-la aos estudantes.

Sem esses conceitos bem formulados sobre o que é literatura e qual sua importância para a formação de seres sociais ativos, o professor correrá o risco de não encontrar sentido no ensino dessa disciplina e, conseqüentemente, tornar a formação de leitores, na escola, uma tarefa bem mais complicada e inatingível.

Destarte, utilizaremos, como proposta, uma metodologia que provoque uma ressignificação dos conceitos de literatura de uma maneira que, engendre no aluno a percepção do texto literário como uma possibilidade e fonte de autoconhecimento, ao permitir que o estudante analise as representações da realidade, através do texto ficcional, além de criar a percepção de que a literatura espelha o próprio Homem. Ademais, despertar a valorização da literatura e, sobretudo, sua função humanizadora também são objetivos do nosso trabalho.

Esperamos que essa pesquisa proporcione, em certa medida, uma contribuição para auxiliar professores, principalmente, do ensino fundamental que atuem nessa mesma linha de pensamento sobre a literatura, e que sintam a necessidade de reformular a maneira com que o texto literário vem sendo abordado na sala de aula, com o objetivo de aprimorar o ensino da literatura na escola.

#### 4.1 O que é orientar o aluno para a vida no contexto da literatura enquanto disciplina?

As estratégias de leitura na escola, assim como a abordagem do texto literário na sala de aula, de maneira equivocada, têm contribuído para que os estudantes criem uma visão deturpada sobre a literatura. Muitos educandos, ao longo da vida escolar, desenvolvem preconceções de que estudar literatura é algo difícil ou enfadonho. Esses pensamentos errôneos, que são construídos acerca dessa disciplina, desenvolvem um entrave no processo de ensino e aprendizagem, que impede que os alunos experimentem os inúmeros benefícios do texto literário.

Tais estereótipos sobre o ensino de literatura precisam ser desconstruídos pelo professor na escola. É ele o profissional capaz de engendrar um novo conceito de aprendizagem, voltada para a construção de sentidos no texto, bem como se desfazer de metodologias de ensino tradicionais, que em nada contribuem para estimular a formação de leitores.

O aluno precisa tomar conhecimento de que ele é agente indispensável, enquanto leitor, no processo de construção de sentido. É imprescindível que ele perceba a importância que possui no ato da leitura, em como suas leituras anteriores e seus conhecimentos prévios interferem diretamente na compreensão de novos textos. Portanto, é importante a formação de leitores críticos e conscientes de seu papel no ato dinâmico da leitura.

Além disso, é necessário que antes de qualquer leitura os educandos sejam motivados, que o educador utilize estratégias capazes de ativar os conhecimentos prévios do aluno para que eles sintam-se familiarizados com a temática presente no texto literário a ser lido. Dessa forma, o texto não lhe causaria estranheza, o que corrobora com o pensamento de que estudar literatura não é difícil.

Por conseguinte, elaborar atividades descontextualizadas, apenas para constatar se o aluno leu a obra literária como, por exemplo, fichas de leitura, ou atividades com respostas copiadas, fielmente do texto, distanciam o aluno da literatura, fazendo com que ele não encontre sentido nesse tipo de estudo, o que torna a aprendizagem distante de sua realidade.

Por isso, o educador deve utilizar metodologias que apresentem a literatura para o aluno, não como uma tarefa distante da sua realidade, mas como uma tarefa em que a prioridade esteja voltada para a construção de sentido, visto que se as aulas de literatura não fizerem sentido para o aluno, ele perderá o interesse em adquirir os conhecimentos que ele não saberá como aproveitar no decorrer de sua existência.

Após perceberem que estudar literatura pode ser uma tarefa prazerosa, os educandos se sentirão mais motivados a aprender. Diante disso, o professor poderá utilizar o ensino de literatura para orientar o aluno para a vida e para as diversas situações ou conflitos existenciais, pelos quais o Homem está sujeito a passar.

Sabemos que a literatura é rica em saberes e conhecimentos sobre a Humanidade. Nessa perspectiva, o educador poderá utilizar esses saberes existentes na literatura, para aproximar os fatos que se passam no texto literário com a vida real

do aluno. Quando a aprendizagem é interligada ao cotidiano, passa a fazer mais sentido para o estudante, o que gera uma melhor compreensão do assunto estudado.

Tais saberes existentes na literatura podem ser aprendidos pelo leitor, porquanto à medida em que o aluno se apropria de novas experiências literárias, ele se apropria, também, de novos conhecimentos e experiências que podem auxiliá-lo no decorrer de sua vida e na resolução de conflitos que são inerentes ao Homem. Além disso, quanto mais o estudante possuir contato com a literatura, mais terá poder de representação e expressão do mundo.

São grandes os desafios que o professor de português enfrenta, principalmente quando nos deparamos com o ensino de leitura, escrita e oralidade. Contudo, uma metodologia de ensino de Língua Portuguesa e literatura, atrelada a uma perspectiva de letramento, pode proporcionar um considerável avanço ao ensino.

O conceito de letramento, de maneira geral, ainda está em construção, visto que a sociedade brasileira vive um momento de constante mudança em relação às práticas de uso da escrita, mediante a criação e aprimoramento tecnológico. Porém, entendemos que o termo letramento recobre, tanto o âmbito escolar, quanto o social. Assim, ao trabalhar sob esse viés, a aprendizagem dos conteúdos escolares não é desvinculada dos usos sociais da Língua. Tal modelo de ensino auxilia na preparação do educando para utilização do idioma, através da comunicação e participação ativa nas diversas práticas sociais.

Portanto, acreditamos que o educador pode utilizar a literatura para orientar o aluno para a vida, desde que extrapole as práticas sociais de uso da leitura e escrita com o texto literário. Assim, ao utilizar a literatura como forma de compreensão da existência humana, poderá mostrar para o estudante a possibilidade de ele se enxergar em um texto ficcional e possibilitará que o aluno perceba a importância da literatura ao narrar histórias ficcionais, as quais refletem a realidade humana.

Destarte, entendemos que a escolha das obras que serão apreciadas pelos estudantes é uma tarefa crucial para o processo. Será o momento em que o educador fará a seleção das leituras que melhor se adaptam e que podem ser articuladas à realidade dos alunos, de maneira que os conhecimentos existentes no texto literário passem a fazer sentido para o estudante, já que estarão interligados à sua vivência.

Muitas vezes, a leitura dos textos literários é praticada de forma rápida, priorizando a questão quantitativa em detrimento à qualitativa. Ao passo que as discussões sobre as leituras e a troca de experiências, através da oralidade, são



deixadas para depois ou quase nunca são executadas. Diante disso, é importante que, na sala de aula, os educandos possuam um momento de troca de conhecimentos, em que poderão expressar suas opiniões sobre as obras literárias lidas. Com isso, terão a oportunidade de compartilhar experiências de vida que estejam relacionadas a elas, já que muitas situações retratadas nessas obras podem fazer parte do cotidiano dos alunos também. Por isso, eles podem ter diversas situações para contar, o que enriqueceria as aulas.

Proporcionar um espaço de troca de experiências também é uma forma de educar o aluno para a vida. Além de ser um modo de avaliar se o estudante entendeu, de fato, a obra literária, também é um meio de promover a interação entre textos e leitores, ao estimular o desenvolvimento da oralidade dos estudantes, preparando-os para expressar suas opiniões e defender os seus ideais, de maneira a despertar-lhes o senso crítico.

Portanto, a experiência literária poderá ser vivenciada pelos estudantes no momento em que eles, ao compartilharem suas experiências de leitura e de vida, estabelecerão conexões entre ficção e realidade. Assim, a função social da literatura poderá ser abordada pelo professor, visto que ele estará contribuindo com a orientação do aluno para a vida, através dos saberes existentes na literatura.

#### 4.2 Literatura: funções, concepções e forças

Umberto Eco (2003), em sua obra, *Ensaio sobre a Literatura*, discorre sobre as funções que a literatura exerce tanto na vida individual, quanto na vida social do Homem. No campo social é capaz de fazer com que a Língua permaneça como patrimônio, mesmo com o passar do tempo, como também é responsável por perpetuar a Língua individual do Homem, além de poder levar o ser humano a olhar para o texto literário como um espelho, o qual reflete a própria condição humana.

A função dos contos “imodificáveis” é precisamente esta: contra qualquer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos. (ECO, 2003, p. 21).

Nessa passagem, o autor explica sobre uma das funções da literatura: a de despertar interesse pela leitura de textos literários, já que é possível encontrar a própria história sendo contada através deles. O desejo de conhecer a própria existência é inerente ao Homem. Porém, a literatura, ao representar a realidade, não objetiva e não se limita a expor uma moral da história, como é o caso da fábula. Esse é um dos problemas que perpassam o ensino de literatura no ensino fundamental. A confusão que alguns professores fazem com os textos literários, pois exploram o texto de forma errônea, visto que a literatura não se resume apenas em transmitir valores morais, ela extrapola e vai muito além, pois a literatura é capaz de retratar os costumes e as tradições do nosso cotidiano.

Na obra *Teoria da Literatura*, ao definir literatura, o autor afirma que,

a literatura se pode e se deve definir como modalidade específica da linguagem verbal, tendo-se desenvolvido a partir de então, em estreito relacionamento com a linguística, estudos sobre os caracteres peculiares e diferenciais da linguagem literária, numa procura persistente e rigorosa da *literariedade*, ou seja, dos elementos e valores que configurarão singularmente aquela linguagem. (AGUIAR E SILVA, 1993, p.47).

Todavia, adotaremos a mesma concepção de literatura que Barthes elucida em sua obra, *Aula* (2004), visto que acreditamos que tal conceito de literatura é o que mais se adequa à proposta de se trabalhar com os textos literários na escola, através de uma perspectiva de letramento literário.

Portanto, conforme nos ensina, Barthes,

entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua[...]. (BARTHES, 2004, p. 16-17).

De acordo com Barthes, literatura não é apenas uma sequência de obras ou um setor de comércio, mas sim, a escrita de um grande trabalho feito com a linguagem, com o jogo das palavras.

Assim como o autor, também visamos o texto e entendemos que a devida exploração deste deve ser a prioridade nas aulas de literatura. Além disso, é importante que seja abordado como ponto de partida para qualquer atividade, pois é

a partir dele que o professor, ao analisá-lo previamente, encontrará a maneira mais adequada de auxiliar no processo de mediação leitora a favor dos estudantes. Acreditamos, ainda, que o texto literário é o melhor caminho, quando se busca a formação de leitores.

Sabemos que existem alguns professores de Língua Portuguesa, no ensino fundamental, que continuam trabalhando o texto literário, de forma superficial, sem dar início a um trabalho voltado para leitura, análise e interpretação textual baseados na valorização do texto. Talvez por esquecimento ou falta de conhecimento, alguns educadores não se atentam para a possibilidade de aliar o ensino de literatura com os conteúdos do currículo escolar de forma contextualizada. Essa estratégia é válida e pode ser muito proveitosa, desde que o professor faça um bom planejamento e tenha como ponto de partida o próprio texto.

Já no ensino médio, alguns mediadores permanecem priorizando os estilos e períodos literários em detrimento ao texto. Muitas horas de aula são dedicadas a estudar as características e a história dos períodos enquanto que o trabalho com o texto literário é deixado em segundo plano, resumindo-se à leitura de fragmentos de textos apenas como pretexto para atividades de identificação de características dos estilos de época.

Ora, não é que o contexto histórico e as características da época em que o texto foi escrito não sejam informações importantes, o que está sendo dito não é isso. São conhecimentos que podem ser abordados, desde que se tenha como foco o texto literário, visto que são informações que podem ser tratadas de forma secundária. Como já foi dito, tais informações se enquadram melhor nas aulas de história, do que nas aulas de literatura.

Talvez, esse seja um dos erros que perpassam o ensino de literatura nas escolas, pois os alunos podem não compreender o porquê de estudar os conteúdos dessa forma, através de aulas enfadonhas, as quais não despertam nenhum interesse. Várias horas aulas dedicadas a algo que parece não fazer sentido.

O texto literário, por outro lado, possui essa peculiaridade de despertar o interesse, dependendo da maneira como for trabalhado em sala de aula. Sendo assim, cabe ao professor a elaboração de metodologias pertinentes à realidade da qual os alunos fazem parte.

No decorrer de seu discurso, o filósofo francês, Roland Barthes, discorre sobre as forças da literatura e indica três como principais: *Mathesis*, *Mimesis*, *Semiosis*.

O autor considera a importância da literatura como uma possibilidade de adquirir diversos conhecimentos através do texto literário, visto que defende a existência de diversos saberes inseridos nas obras literárias. Além disso, afirma, talvez, irônica e enfaticamente, que a literatura é a mais importante das disciplinas por conter todas as outras ciências dentro do texto literário.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusóé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 2004, p. 6).

Essa primeira força da literatura corresponde à *Mathesis*, a qual possibilita ao leitor uma aprendizagem sobre vários conhecimentos que estão presentes nos textos literários. Destarte, a literatura permite o contato entre as diversas áreas do conhecimento e o leitor, isto é, ainda que o objetivo primário, ao ler uma obra literária, não seja o de se apropriar dos saberes existentes na literatura, de fato, tal objetivo é alcançado pelo leitor.

A *Mimesis*, segunda força da literatura, a qual Barthes se refere, é a capacidade de representação da realidade. Através dessa força, as obras literárias engendram narrativas que permitem a construção de situações fictícias, que se passam apenas no texto. Contudo, as quais representam também a realidade do Homem, isto é, a literatura fala aos homens sobre o Homem.

A última força, porém, não menos importante que as demais, é a *Semiosis*, a qual contempla a capacidade que a literatura possui de utilizar os signos de maneira singular, o incrível jogo das palavras, característica marcante das obras literárias.

Nos embasaremos, ainda, no conceito de texto oferecido por Barthes, na obra, *O rumor da língua*,

O Texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural irreduzível (e não apenas aceitável). O Texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação. O plural do texto deve ser, efetivamente, não à ambiguidade de seus conteúdos, mas ao que se poderia

chamar de *pluralidade estereográfica* dos significantes que o tecem (etimologicamente, o texto é um tecido). (BARTHES, 2004, p. 70).

Essa concepção de texto nos remete à plurissignificação existente no conceito de *Semiosis* oferecido por Barthes, linha de pensamento que estamos seguindo para fundamentar nossa pesquisa. O autor considera o texto como um tecido, ou seja, um entrecruzamento de palavras que se interligam, sendo que a construção de sentidos do texto acontece quando texto e leitor se “tocam” e produzem um novo evento, um novo texto, uma nova compreensão. Por isso, o texto é plural, já que mesmo fazendo a leitura de um único texto várias vezes, sempre o contato entre o texto e o leitor poderá contribuir para a construção de novos significados. As possibilidades de significações existentes no texto literário não se esgotam facilmente.

A apropriação das concepções referentes às três forças barthesianas da literatura é imprescindível para qualquer professor de literatura, que deseje desenvolver práticas pedagógicas eficientes que, de fato, buscam um ensino de literatura baseado em uma perspectiva de letramento literário.

Ancorado nessa visão de literatura, oferecida por Barthes, bem como, de acordo com as três forças da literatura elucidadas por ele, pretendemos, ao final desse trabalho, oferecer uma proposta pedagógica de ensino de literatura para se trabalhar com alunos do ensino fundamental, tomando como prioridade o texto literário para que, a partir de um trabalho bem elaborado com o texto, seja possível proporcionar maior conhecimento aos alunos bem como despertar o interesse pela leitura à medida que se possa, também, tornar as aulas de literatura mais ligadas à realidade dos estudantes. Assim, o processo de aquisição de conhecimento ocorrerá de maneira mais concreta, logo, passará a fazer sentido.

É frutífera a utilização do gênero crônica nas aulas de literatura pelo fato do gênero possuir uma estreita relação com a realidade. Ele possibilita fazer uma conexão com a vivência do aluno. Os textos alegóricos também são fontes de produção, em sala de aula, por possuírem dois discursos: o literal e o figurado, sendo que, através do sentido figurado, é possível encontrar sentidos ocultos no texto literário.

Ancorado nesses dois discursos, o professor pode explorar, no texto literário, as três forças da literatura defendidas por Barthes: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*. A *Mathesis* poderá ser abordada, por exemplo, quando os alunos começarem a ter

contato com os diferentes saberes existentes no texto literário. No momento em que perceberem, através da leitura, o poder que a literatura tem de proporcionar conhecimento sobre diversos assuntos, através dos sentidos que se apresentam embutidos no discurso alegórico do texto.

No instante em que os estudantes iniciarem o processo de relacionar a história da crônica com aquilo que vivenciam cotidianamente, o poder de representação da realidade, existente nos textos literários, *Mimesis*, já contribuirá para a autorreflexão e o autoconhecimento do aluno. Portanto, ele passará a enxergar que a literatura reflete a realidade através da ficção.

Dessa forma, é possível que a leitura se torne mais atrativa para o aluno, já que ele perceberá que a crônica narra histórias ficcionais, mas que são bem parecidas com o que de fato acontece na realidade. Encontrar sentido naquilo que se lê será uma tarefa mais fácil para os alunos, e isso é fundamental para despertar o interesse pela leitura.

No movimento de busca pela construção de sentidos no texto, ao desocultar os diferentes discursos, existentes em uma crônica alegórica, ou em qualquer outro texto literário, através da interpretação textual, o aluno poderá experimentar a terceira força da literatura: *Semiosis*, a qual reflete a plurissignificação do texto literário, bem como, o jogo de palavras.

Valer-se de um texto literário alegórico, que proporcione a possibilidade de se trabalhar com o discurso literal e figurado, concomitantemente, através de um único texto, pode facilitar a aprendizagem dos alunos por meio das três forças da literatura, além de tornar o processo de aquisição de conhecimento mais concreto.

Assim, para que se consiga atingir o letramento literário com os estudantes, isto é, permitir que os alunos se apropriem do texto literário, enquanto construção de sentidos, como nos ensina, Cosson (2014), parece-nos apropriado trabalhar com a literatura sob essa perspectiva, visto que acreditamos que essa metodologia poderá trazer benefícios para as aulas de literatura no ensino fundamental. Dentre eles, a formação de leitores autônomos.

#### 4.3 A alegoria na crônica, *Ela*, de Luís Fernando Veríssimo

A crônica, *Ela*, de Luís Fernando Veríssimo, é um texto alegórico. Portanto, será a partir desta figura que a proposta de intervenção será construída. A construção alegórica será abordada como uma proposta de letramento literário. Tal proposta tentará aprimorar, ao máximo, a competência leitora dos alunos.

A crônica *Ela* é uma alegoria e carrega consigo dois discursos: o primeiro, que está no sentido literal, e o segundo, que se apresenta no sentido figurado. Durante a narrativa, o autor transforma a televisão em uma imagem alegórica. O olhar que o narrador oferece à tevê nos leva a várias associações significativas. Em um primeiro momento se destaca, por exemplo, a ideia de enquadramento das visões do Homem, porém, um enquadramento do ponto de vista negativo. Assim como a tevê, enquadra literalmente as imagens, figurativamente, ela também enquadra a visão de mundo, ideologicamente defendida por uma pequena parcela da população, que faz parte do meio televisivo, e que por deter o “poder” de manipulação e enquadramento da ideologia defendida, o mundo passa a ser estereotipado.

Dessa forma, quem não se enquadra naquilo que a televisão difunde pode se sentir diferente, e, como muitas pessoas preferem se nivelar ao que é comum, a estar fora dos padrões estabelecidos pela mídia, acabam se submetendo àquilo que a tevê prega como o certo.

Outro aspecto importante, são os espaços ocupados pela televisão na crônica. Há uma progressão significativa. Logo no início, a tevê chega pequenininha, passando a ocupar o quatinho dos fundos; em um segundo momento, eles decidem levá-la para a copa. Nesse período, ela já estava “mais crescidinha”.

Nessa época, a mulher não pensava em colocá-la na sala, pois arruinaria a decoração, apenas um tempo depois, por causa de um personagem de novela, o Sheik de Agadir, decidiram que ela poderia ir para sala de visitas.

“Com a Copa de 1974 decidiram que para a copa do mundo ela deveria ser bem maior e colorida” (VERÍSSIMO, 2007, p. 29). Nesse momento a televisão ocupava o meio da sala, ou seja, de um lugar escondido no quatinho dos fundos ela passara a conquistar o centro da casa, tornando-se o móvel mais importante da sala.

A representação do espaço onde os acontecimentos se sucedem é de grande significação, pois remete ao fato do poder de manipulação e alienação que a mídia exerce sobre as pessoas. Gradativamente, o narrador expõe que a manipulação não

ocorre de uma hora para outra. É um processo gradativo em que, aos poucos, o ser humano, sem perceber, é manipulado pela tevê, até o ponto de passar a adequar sua vida a ela.

O centro da casa, no texto alegórico, é um dos símbolos mais importantes para a compreensão dessa crônica. O lugar onde a TV é colocada é o ponto de referência e também uma representação de Deus e de poder. No Teocentrismo, Deus é colocado como o centro, já no Humanismo, o Homem passa a ser o centro das coisas, assim, nos dois casos existe uma indicação de poder, quem ocupa o centro detém o poder sobre todas as coisas.

O fato de a televisão ocupar o centro da casa não se encerra nesse ponto. Ela ocupa, não só o centro da casa, mas sim, o centro de todas as atenções, já que tudo e todos giram em torno dela. O narrador-personagem menciona que, antes da tevê, eles possuíam vida social, saíam para jantar fora, iam ao cinema, faziam programas saudáveis comuns a qualquer família, porém com a manipulação da tevê, os seus familiares passaram a não querer mais sair de casa para não perder a programação. Tal proposição aponta uma espécie de coisificação. Percebemos que as personagens não se assemelham mais a pessoas e sim a coisas, desprovidas de atitudes e pensamentos inerentes ao Homem.

Observamos nessa situação, a influência que a mídia exerce sobre o Homem, sendo capaz de uniformizar e interferir em suas ações e estilo de vida. Além da alienação, ocasionada pela mídia, existe também a incomunicabilidade. Durante a narrativa, o autor menciona que, por várias vezes, tentava falar com seus familiares. Todavia, por estarem tão concentrados no que assistiam, qualquer barulho, mínimo que fosse, era motivo de incômodo.

Essas questões de alienação, manipulação e incomunicabilidade podem ser associadas aos *smartphones* de hoje. Desse modo, a tevê de ontem está perdendo espaço para as redes sociais e os *smartphones* atualmente. Os equipamentos mudam, ganham mais tecnologia e sofisticação. No entanto, os malefícios ocasionados pela utilização exacerbada desses recursos permanecem.

Os estudantes podem dar exemplos e discutir sobre como as novas tecnologias têm influenciado nas relações interpessoais atualmente, seja em casa com seus familiares, seja com a sociedade em geral. Levantar tais questionamentos é uma forma de interligar as discussões com os conhecimentos prévios dos alunos. Inclusive para enriquecer os debates com os diversos saberes que eles possuem sobre uma



temática, que faz parte do mundo deles, visto que estão inseridos nesse momento tecnológico de *Facebook*, *WhatsApp*, entre outros recursos tecnológicos, que parecem mais afastar as pessoas do que mesmo aproximá-las.

O poder da ficção pode estar alegorizado nas novelas de tevê, uma vez que revela a necessidade que o Homem tem de ficção, portanto, de literatura. Essa tentativa de fugir da realidade é uma busca de mecanismos, que auxiliem na tentativa de se desligar da realidade por algum momento. Consoante, CÂNDIDO (2004):

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CÂNDIDO, 2004, p. 174).

Como o texto literário escolhido para ser explorado nessa proposta de intervenção trata de uma problemática comum em nossa sociedade: a alienação ocasionada pelo uso desenfreado da televisão e das novelas, a seguir, faremos algumas ponderações sobre o histórico da teledramaturgia brasileira, apontando caminhos para que o professor disponha de subsídios para discutir essa temática com os alunos.

#### 4.4 Novelas brasileiras: instrumento de alienação ou conscientização?

A teledramaturgia brasileira surgiu em 1951, com a adaptação das novelas de rádio para a televisão. A primeira telenovela brasileira a estrear nas telas da população brasileira foi: “*Sua vida me pertence*”, transmitida pela tevê Tupi.

Com a conquista de um público assíduo, e com o aprimoramento do gênero, no decorrer das décadas seguintes, as telenovelas consolidaram-se como uma forma de entretenimento entre a população.

No cenário atual, muitas pessoas destinam várias horas por dia para assistir às novelas, as quais são transmitidas através de episódios diariamente. Todavia, é importante fazer os estudantes refletirem sobre os malefícios e/ou benefícios causados por essa prática de entretenimento, e levar em consideração que existem dois tipos de visões sobre ela.

Em uma primeira análise, nos parece que podemos classificar as novelas como instrumento de difusão da ideologia das classes dominantes, como forma de padronizar comportamentos a serem seguidos pela população, reforçando estereótipos, falseando a realidade, e conseqüentemente, alienando a sociedade.

Sob essa perspectiva, entendemos que a narrativa presente nas novelas possui o objetivo de estabelecer maneiras homogêneas de interpretação da realidade e, por conta disso, impedir que as pessoas reflitam sobre a própria realidade na qual estão inseridas.

Em contrapartida, existem aqueles que acreditam nos benefícios que as novelas podem trazer à sociedade, quando suscitam discussões sobre os diferentes comportamentos existentes entre a população das diversas esferas sociais, além de contribuir para conscientizar os expectadores sobre assuntos variados. A novela encontra espaço para discutir temas referentes à realidade popular, tais como: homossexualismo, discriminação racial, emancipação feminina, exploração sexual, dentre outros temas, que permeiam a sociedade.

De uma perspectiva geral, entendemos que as duas perspectivas possuem argumentos válidos, visto que as novelas apresentam pontos positivos e negativos. Dessa forma, é imprescindível que o professor estimule o aluno a refletir sobre os benefícios e malefícios trazidos pelas novelas.

Portanto, é uma excelente oportunidade para o educador levantar um debate com os alunos, através da leitura da crônica “Ela”, a qual expõe a alienação ocasionada pelo uso desenfreado da televisão e das novelas. É importante permitir que os alunos, além de refletir sobre a própria realidade, também possam compartilhar experiências vivenciadas por eles no cotidiano, bem como analisarem, se estão fazendo o uso da televisão como entretenimento de maneira consciente ou, se essa prática, ao invés de ajudar, está prejudicando seu relacionamento afetivo com familiares e amigos, ou seu desenvolvimento enquanto estudante.

Já que assistir a novelas é uma prática enraizada no cotidiano de boa parte dos brasileiros e brasileiras, fazer com que os educandos pensem sobre essa problemática, ao analisar o próprio comportamento, é uma maneira de despertar o senso crítico, estimulando a reflexão e a solução de problemas.

Além disso, é imprescindível levá-los a perceber as causas sociais do problema, fazendo com que os estudantes levantem hipóteses sobre quais são os principais motivos que levam as pessoas a passarem a maior parte do tempo em frente à

televisão. Provavelmente, os debates apontarão diversas ideias e o educador poderá enfatizar a discussão com alguns apontamentos, como por exemplo, a falta de opções de entretenimento oferecidas para pessoas com baixa renda.

## 5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Ainda que a crônica, normalmente, seja um gênero trabalhado no nono ano do ensino fundamental, por causa das Olimpíadas de Língua Portuguesa, proporemos uma intervenção pedagógica com esse gênero, mas utilizaremos uma metodologia diferenciada daquelas que, comumente, aparecem nos manuais ou livros didáticos oferecidos ao professor.

O texto que será utilizado, para a construção do trabalho, é a crônica “Ela”, escrita por Luís Fernando Veríssimo. O texto literário será disponibilizado, abaixo, para servir como sugestão inicial para professores que desejem utilizar essa proposta, como base, para um projeto de letramento literário com alunos do ensino fundamental.

### Ela

Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quartinho dos fundos. Nosso Filho – Naquele tempo só tinha o mais velho – ficou maravilhado com ela. Era um custo tirá-lo da frente dela para ir dormir.

Combinamos que ele só poderia ir para o quarto dos fundos depois de fazer todas as lições.

- Certo, certo. - Eu não ligava muito para ela. Só para ver um futebol ou política. Naquele tempo, tinha política. Minha mulher também não via muito. Um programa humorístico, de vez em quando. Noites Cariocas... Lembra de Noites Cariocas?

- Lembro vagamente. O senhor vai querer mais alguma coisa? E me serve mais um destes. Depois decidimos que ela podia ficar na copa. Aí ela já estava mais crescadinha. Jantávamos com ela ligada, porque tinha um programa que o garoto não queria perder. Capitão Qualquer Coisa. A empregada também gostava de dar uma espiada. José Roberto Kely. Não tinha um José Roberto Kely?

- Não me lembro bem. O senhor não me leva a mal, mas não posso servir mais nada depois deste. Vamos fechar.

- Minha mulher nem sonhava em botar ela na sala. Arruinaria toda a decoração. Nessa época já tinha nascido o nosso segundo filho e ele só ficava quieto, para comer, com ela ligada. Quer dizer, aos pouco ela foi afetando os hábitos da casa. E então surgiu um personagem novo nas nossas casas que iria mudar tudo. Sabe quem foi?

- Quem?

- O Sheik de Agadir. Eu, se quisesse, poderia processar o Sheik de Agadir. Ele arruinou o meu lar.

- Certo. Vai querer a conta?

- Minha mulher se apaixonou pelo Sheik de Agadir. Por causa dele, decidimos que ela poderia ir para a sala de visitas. Desde que ficasse num canto, escondida, e só aparecesse quando estivesse ligada. Nós tínhamos uma vida social intensa. Sempre iam visitas lá em casa. Também saíamos muito. Cinema, Teatro, jantar fora. Eu continuava só vendo futebol e notícia. Mas minha mulher estava sucumbindo depois do Sheik de Agadir, não queria perder nenhuma novela.

- Certo. Aqui está a sua conta. Infelizmente temos que fechar o bar.

- Eu não quero a conta. Quero outra bebida. Só mais uma.

- Está bem... Só mais uma.

- Nosso filho menor, o que nasceu depois do Sheik de Agadir, não saía de frente dela. Foi praticamente criado por ela. É mais apegado à ela do que a própria mãe. Quando a mãe briga com ele, ele corre pra perto dela para se proteger. Mas onde é que eu estava? Nas novelas. Minha mulher sucumbiu às novelas. Não queria mais sair de casa. Quando chegava visita, ela fazia cara feia. E as crianças, claro só faltavam bater em visita que chegasse em horário nobre. Ninguém mais conversava dentro de casa. Todo mundo de olho grudado nela. E então aconteceu outra coisa fatal. Se arrependimento matasse...

- Termine a sua bebida, por favor. Temos que fechar.

- Foi a copa do mundo. A de 74. Decidi que para as transmissões da copa do mundo ela deveria ser bem maior. E colorida. Foi a minha ruína. Perdemos a copa, mas ela continua lá, no meio da sala. Gigantesca. É o móvel mais importante da casa. Minha mulher mudou a decoração da casa para combinar com ela. Antigamente ela ficava na copa para acompanhar o jantar. Agora todos jantam na sala para acompanhá-la.

- Aqui está a conta.

- E, então, aconteceu o pior. Foi ontem, hora do *Dancin' Days* e bateram na porta. Visitas. Ninguém se mexeu. Falei para a empregada abrir a porta, mas ela fez "Shhh!" sem tirar os olhos da novela. Mande os filhos, um por um, abrirem a porta, mas eles nem me responderam. Comecei a me levantar. E então todos pularam em cima de mim. Sentaram no meu peito. Quando comecei a protestar, abafaram o meu rosto com

a almofada cor de tijolo que minha mulher comprou para combinar com a maquiagem da Júlia. Só na hora do comercial, consegui recuperar o ar e aí sentenciei, apontando para ela ali, impávida no meio da sala: “Ou ela, ou eu!”. O silêncio foi terrível.

- Está bem... mas agora vá para casa que precisamos fechar. Já está quase clareando o dia...

- Mais tarde, depois da Sessão Coruja, quando todos estava dormindo, entrei na sala, pé ante pé. Com a chave de parafuso na mão. Meu plano era atacá-la por trás, abri-la e retirar uma válvula qualquer. Não iria adiantar muita coisa, eu sei. Eles chamariam um técnico às pressas. Mas era um gesto simbólico. Ela precisava saber quem é que mandava dentro de casa. Precisava saber que alguém não se entregava completamente a ela, que alguém resistia. E então, quando me preparava para soltar o primeiro parafuso, ouvi a sua voz. “Se tocar em mim você morre”. Assim com toda a clareza. “Se tocar em mim você morre”. Uma voz feminina, mas autoritária, dura. Tremi. Ela podia estar blefando, mas podia não estar. Agi depressa. Dei um chute no fio, desligando-a da tomada e pulei para longe antes que ela revidasse. Durante alguns minutos, nada aconteceu. Então ela falou outra vez.” Se não me ligar outra vez em um minuto, você vai se arrepender”. Eu não tinha alternativa. Conhecia o seu poder. Ela chegara lá em casa pequenininha e aos poucos foi crescendo e tomando conta. Passiva, humilde, obediente. E vencera. Agora chegara a hora da conquista definitiva. Eu era o único empecilho à sua dominação completa. Só esperava um pretexto para me eliminar com um raio caótico. Ainda tentei parlamentar. Pedi que ela poupasse a minha vida. Perguntei o que ela queria, afinal. Nada. Só o que ela disse foi “Você tem 30 segundos”.

- Muito bem. Mas preciso fechar. Vá para casa.

- Não posso.

- Por quê?

- Ela me proibiu de voltar lá. (VERÍSSIMO, 2003, p.30)

## 5.1 Objetivos

O objetivo geral desse trabalho, com a utilização da crônica alegórica, é proporcionar, ao final dessa proposta de intervenção pedagógica, a possibilidade de o aluno poder se apropriar do texto literário enquanto construção de sentidos; ser capaz de perceber que a literatura, através da ficção, representa a realidade

vivenciada pelo Homem, nas mais diversas circunstâncias, fazendo com que haja uma ligação, entre aquilo que está sendo lido no texto literário, com a realidade dos alunos, além de permitir que o aluno descubra o prazer da literatura, como fonte de autorreflexão e autoconhecimento.

Alguns objetivos específicos podem ser elencados como:

- Desenvolver a participação efetiva dos estudantes diante da crônica lida em sala de aula;
- Posicionar-se, de forma crítica e reflexiva, em relação ao que é lido;
- Confrontar diferentes opiniões e pontos de vista sobre a temática abordada, defendendo e explicando as próprias ideias de forma organizada, em diferentes esferas da palavra;
- Relacionar informações verbais com informações não-verbais;
- Estabelecer relações entre o texto lido e outros já conhecidos;
- Reconhecer o tema discutido na crônica;
- Possibilitar o desejo de ampliação do repertório literário.

## 5.2 Estratégias

Essa primeira etapa terá como objetivo provocar no aluno o levantamento de hipóteses sobre o texto proposto, com o objetivo de motivá-lo a participar da leitura, de maneira espontânea. Portanto, é interessante que o professor disponibilize apenas o título do texto. Em seguida, desenvolva e sistematize a oralidade dos alunos, ao permitir e incentivar que eles participem dos debates, expressem suas opiniões e contribuam com as experiências de vida que cada um deles possui. Sugerimos o início de uma discussão oral, que provoque um debate em sala e que esteja baseada em algumas questões.

A seguir, ofereceremos algumas perguntas sobre o texto, apenas como sugestões. Com o objetivo de trazer ideias, para o educador, de como iniciar as rodas de conversas com os alunos. Essas questões podem ser alteradas pelo professor, quando este achar necessário. O importante é que o educador não espere respostas fechadas dos alunos. Ao contrário disso, a intenção, ao formular essas perguntas, foi trazer uma atividade que instigue o aluno a se expressar e que possa possibilitar a interação entre texto, aluno e professor, de maneira que o estudante tenha liberdade de fazer articulação entre o texto, os conhecimentos adquiridos e o próprio cotidiano.

### 5.2.1 Comparação entre ficção e realidade

- a) O título da crônica é “Ela”, sobre que assunto você acha que o texto vai tratar?  
Por quê?
- b) Quando você utiliza o pronome pessoal ela, normalmente faz referência a quê?
- c) Vocês gostam de assistir televisão?
- d) Quais programas vocês costumam assistir?
- e) Os seus pais e familiares assistem juntos com vocês?
- f) Qual o tempo aproximado que permanecem assistindo a programação da TV?
- g) Algumas vezes você deixa de fazer algo importante para não perder aquele programa de tevê que você gosta? E seus familiares também fazem isso?
- h) Se você pudesse fazer uma análise sobre os programas a que você assiste, poderia nos dizer se eles oferecem, de alguma forma, algum aprendizado ou crescimento intelectual? Quais?
- i) Com relação ao tempo que você passa em frente à TV, poderia classificá-lo como: exagerado, pode ser melhorado, ou ideal?

Essa primeira etapa está fundamentada nas palavras de Moran, quando nos alerta para a necessidade de uma interligação entre os conteúdos estudados pelos alunos com a realidade vivenciada por eles a fim de que a aprendizagem passe a ter sentido para o aprendiz. Por isso, procuramos elencar perguntas que façam uma ponte entre a narrativa e as experiências que são vividas pelos alunos no cotidiano.

Em seguida, o professor poderá exibir, através de um “*Data Show*”, um vídeo retirado do *YouTube* que retrate a alienação causada pelos programas de televisão e conseqüentemente, perguntar se os alunos conhecem o termo alienação e, em seguida, explicar o conceito.

Logo após, oportunizar um momento de conversa sobre o vídeo a fim de que os alunos enriqueçam as aulas, ao contribuir com seus comentários e suas experiências vividas, aproveitando os conhecimentos prévios que os estudantes já possuem sobre o assunto.

Após o debate, inicia-se a leitura silenciosa da crônica “Ela”, de Luís Fernando Veríssimo. Em seguida, o professor faz uma leitura com entonação adequada para despertar o interesse pelo texto e facilitar a compreensão global, podendo pedir que alguns alunos também leiam em voz alta alguns trechos da crônica.



Após a leitura, é importante que o professor ofereça atividades que estimulem a aquisição de novos conhecimentos pelos alunos. Por isso, sugerimos que o educador peça que os estudantes façam uma lista das palavras desconhecidas por eles, que estão presentes na crônica e, em seguida, o professor pode disponibilizar dicionários para que os alunos pesquisem e anotem o significado das palavras anteriormente desconhecidas.

Além disso, o professor pode pedir, como tarefa para casa, uma pesquisa no *Youtube* ou *Internet* sobre as novelas antigas. Os alunos podem coletar dados também, inclusive, sobre os personagens que são citados na crônica, como o Sheik de Agadir, por exemplo, para, em seguida, estabelecer relações de semelhanças e diferenças com os galãs das novelas atuais. Essas atividades ajudarão o aluno a se movimentar em busca de construir o próprio conhecimento, já que ele sairá um pouco da passividade, pois deixará, por alguns momentos, de receber todas as informações adquiridas através da explicação do professor e passará a ser agente indispensável na construção do próprio conhecimento.

Também, é importante trabalhar com os estudantes, os elementos estruturais da crônica como: narrador, personagens, tempo, espaço e enredo, da seguinte maneira: a partir da leitura de um fragmento do texto levar os alunos a refletirem e identificarem se o narrador é um narrador que conta a história e também participa dela; se ele é o personagem principal ou não; se o narrador apenas observa e conta o que vê ou então se o narrador sabe de tudo que se passa na história, inclusive, dos sentimentos e sensações que envolvem os personagens.

Para isso, o professor pode ler com os alunos o seguinte trecho da crônica:

*“Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quartinho dos fundos. Nosso Filho – Naquele tempo só tinha o mais velho – ficou maravilhado com ela. Era um custo tirá-lo da frente dela para ir dormir.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).

Além de fazer esses questionamentos, é importante que o aluno possa analisar, se na história são mostrados diferentes pontos de vista, ou se o narrador conta os fatos a partir de uma visão única, subjetiva, para descobrir se a narrativa é contada apenas sob o ponto de vista do narrador.

Outro aspecto, que pode ser salientado, é indagar aos alunos sobre qual a importância que o narrador ocupa no texto. Quem ele era no início da história e quem ele se tornou ao final. É interessante que o aluno perceba os fatos ocorridos ao longo

da narrativa, pois no início do texto o narrador-personagem era o homem da casa, o provedor, chefe de família, porém com a chegada e o domínio gradativo da televisão, ele passara a não ter mais importância, voz e autoridade com sua família, ao ponto de ser expulso de sua própria casa por ela.

Ao fazer essas colocações e estimular a participação do aluno na análise dos elementos estruturais do texto, talvez não seja necessário expor nomenclaturas como as dos tipos de narradores: narrador-personagem, onisciente e observador. Isso fica a critério do professor, visto que, o primordial é que os estudantes consigam perceber essas características a partir de uma leitura e análise do próprio texto. Dessa forma, a aprendizagem se dará de maneira articulada e contextualizada.

No momento de analisar as personagens da narrativa, sugerimos que o professor faça a leitura com os alunos de alguns trechos da crônica para que eles possam identificar, por conta própria, quem são as personagens apresentadas no texto, quais suas características e quais suas contribuições para o desfecho da crônica.

Anteriormente, com a análise do tipo de narrador existente na crônica, esperamos que o aluno já saiba que o narrador além de contar a história também é um personagem, por isso, a análise das personagens pode ser iniciada por ele. Assim, com o auxílio do mediador, os estudantes poderão identificar que, no início da narrativa, o narrador-personagem se apresenta como o homem da casa, chefe de família que, junto com sua esposa, participava das decisões da casa:

*“Combinamos que ele só poderia ir para o quarto dos fundos depois de fazer todas as lições.*

*- Certo, certo.” (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).*

Com o decorrer dos acontecimentos e com o crescimento da manipulação ocasionada pela tevê, o narrador-personagem vai perdendo sua autoridade desde o fato de falar com sua mulher, seus filhos e a empregada e não ser sequer ouvido, até chegar ao ponto de ser expulso de casa pela televisão.

Também é interessante que o aluno reconheça no texto que, após a tevê ter dominado os familiares do narrador-personagem, ele tornou-se um ser solitário, distante da família, que não tinha ninguém para conversar, por isso havia decidido procurar um bar para se embriagar e conversar com o garçom, a única companhia que lhe restava.

Nesse momento, o professor pode fazer uma ligação com as experiências de vida dos alunos sobre casos semelhantes. Portanto, podem ser levantadas as seguintes questões: vocês já ouviram falar de algum caso parecido, onde uma pessoa que está com problemas familiares procura um bar para tentar esquecer os problemas? Atitudes dessa natureza resolvem o problema? Por quê?

Provavelmente, os alunos irão expor alguns relatos de experiências, por isso é importante a disponibilização de um tempo adequado para que os estudantes tenham a oportunidade de se expressar oralmente, ao relatar um pouco dos seus conhecimentos de vida, sempre seguindo o direcionamento do professor, o qual irá nortear e mediar a discussão em sala de aula. Outras perguntas também podem ser incluídas, caso o professor sinta a necessidade.

Em seguida, pode-se questionar aos alunos quais são as personagens envolvidas na narrativa, e com a ajuda deles, sistematizar no quadro quem são elas: o narrador-personagem, a esposa, os filhos, a empregada, o garçom e a televisão. Após o reconhecimento das personagens, pergunta-se qual seria a personagem principal da história e por quê?

Se a turma, na qual será aplicada essa proposta, for uma turma com um nível de conhecimento mais avançado sobre os elementos da narrativa, eles irão responder que a personagem principal é a tevê, porém, caso trate-se de uma turma um pouco menos adiantada nesse conteúdo, é possível que os alunos apontem o narrador-personagem, como protagonista da história.

Dessa forma, cabe ao professor fazer uma explicação, demonstrar os motivos que fazem da televisão a personagem principal. Pode-se começar, mostrando e explicando para o aluno, a personificação ocorrida no texto, já que a tevê é personificada ao receber características humanas.

É importante que o mediador conduza uma reflexão sobre as características da televisão, desde o início do texto até o momento final a fim de que os alunos identifiquem e participem da aula, respondendo aos questionamentos. Para isso, pode-se fazer a leitura de alguns fragmentos da crônica para que, após cada parte do texto lida, seja feita uma análise sobre o processo gradativo de alienação, causado pela tevê. Sugerimos os seguintes fragmentos:

*“Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quartinho dos fundos.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).

Nesse primeiro tópico é importante que seja destacado o tamanho da televisão, isto é, o fato de ela ter chegado pequena, e também o lugar que inicialmente ocupara na casa, o quartinho dos fundos, o qual representa um lugar sem importância, distante, nos fundos da casa.

*“Minha mulher também não via muito. Um programa humorístico, de vez em quando.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).

Com a ajuda do professor, os alunos poderão comentar que, a princípio, a mulher não assistia muito à tevê, ou seja, ainda não havia se “viciado” nas novelas.

*“Depois decidimos que ela podia ficar na copa. Aí ela já estava mais crescidinha. Jantávamos com ela ligada, porque tinha um programa que o garoto não queria perder. Capitão Qualquer Coisa. A empregada também gostava de dar uma espiada.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).

Nesse ponto é interessante salientar, se os estudantes não comentarem, a mudança de lugar que a tevê sofreu, isto é, ela evoluíra do quarto dos fundos para a copa. Dessa forma, passara a ocupar um lugar mais importante na casa, seu tamanho também já havia mudado, estava maior. Além disso, a família jantava com ela ligada, o que nos leva a pensar que, a partir desse momento, o diálogo entre a família começou a deixar de existir.

*“Minha mulher nem sonhava em botar ela na sala. Arruinaria toda a decoração. Nessa época já tinha nascido o nosso segundo filho e ele só ficava quieto, para comer, com ela ligada. Quer dizer, aos pouco ela foi afetando os hábitos da casa.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).

Nesta ocasião, a tevê já conseguira dominar os filhos e, aos poucos, estava dominando também os outros habitantes da casa, inclusive modificando a rotina da família.

*“Minha mulher se apaixonou pelo Sheik de Agadir. Por causa dele, decidimos que ela poderia ir para a sala de visitas. Desde que ficasse num canto, escondida, e só aparecesse quando estivesse ligada. Nós tínhamos uma vida social intensa. Sempre iam visitas lá em casa. Também saíamos muito. Cinema, Teatro, jantar fora. Eu continuava só vendo futebol e notícia. Mas minha mulher estava sucumbindo depois do Sheik de Agadir, não queria perder nenhuma novela.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 29).

Nessa passagem da crônica, novamente a tevê ganha um novo espaço. Dessa vez, melhor; ocupara a sala de visitas. Além disso, o texto revela que, antes do domínio da televisão, os personagens costumavam fazer programas sociais entre família, inclusive recebiam visitas em casa. Todavia, tudo isso havia mudado, pois os familiares agora preferiam ficar em casa, para não perder a programação, a sair para se divertir.

O mediador pode perguntar aos alunos se isso já aconteceu com eles, se já deixaram de fazer algum programa com a família ou com os amigos para assistir um programa de tevê, ou então se conhecem alguém que já fez ou sempre faz isso.

*“Nosso filho menor, o que nasceu depois do Sheik de Agadir, não saía de frente dela. Foi praticamente criado por ela. É mais apegado a ela do que a própria mãe. Quando a mãe briga com ele, ele corre pra perto dela para se proteger.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 29).

O trecho acima é importante para fazer a seguinte pergunta aos alunos: por que o autor menciona o fato de o filho, que nasceu após o *Sheik de Agadir*, ser mais apegado à tevê do que a mãe? Esperamos que eles respondam que isso ocorreu por causa da mãe dar mais importância a assistir às novelas do que cuidar devidamente do filho, por isso, ele ficou mais apegado à tevê do que a própria mãe.

*“Minha mulher sucumbiu às novelas. Não queria mais sair de casa. Quando chegava visita, ela fazia cara feia. E as crianças, claro só faltavam bater em visita que chegasse em horário nobre. Ninguém mais conversava dentro de casa. Todo mundo de olho grudado nela.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 28).

A pergunta que pode ser levantada sobre essa passagem da crônica é a seguinte: o que podemos perceber e o que mudou na rotina dessa família, de acordo com esse trecho? Após ouvir os comentários dos alunos, o professor pode complementar a discussão, caso os estudantes não tenham feito todos os apontamentos necessários sobre o trecho da crônica.

Outros comentários também podem ser pertinentes, todavia é imprescindível que os alunos compreendam que, antes da “dependência” da tevê, as personagens saíam de casa, recebiam visitas, dialogavam entre família, e após o domínio da televisão isso havia mudado e a interação entre eles deixou de existir, isto é, nem ao menos, conversavam mais dentro de casa.

Essa falta de diálogo entre familiares, que moram sobre o mesmo teto, pode trazer alguns problemas de convivência. O mediador pode perguntar aos alunos quais seriam os possíveis problemas, que poderiam surgir, com a falta de diálogo, e se comumente, os estudantes costumam ter o hábito de dialogar com seus pais irmãos e familiares.

*“Decidi que para as transmissões da copa do mundo ela deveria ser bem maior. E colorida. Foi a minha ruína. Perdemos a copa, mas ela continua lá, no meio da sala. Gigantesca. É o móvel mais importante da casa. Minha mulher mudou a decoração da casa para combinar com ela. Antigamente ela ficava na copa para acompanhar o jantar. Agora todos jantam na sala para acompanhá-la.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 29).

Percebemos uma mudança radical, se compararmos esse trecho da crônica com o início do texto. O professor pode pedir que os estudantes façam essa comparação. Eles irão perceber, se necessário, com o auxílio do mediador, que a tevê, ao longo do tempo, foi se tornando maior até chegar a ser colorida e que, de um quatinho dos fundos, passou a ocupar o centro da casa.

Tal aspecto pode ser bastante explorado com os alunos da seguinte forma: o professor pode sistematizar no quadro o conceito da palavra, centro, e questionar aos alunos que significado está representado no fato de a tevê sair de um quatinho dos fundos para ocupar o centro da casa.

*“Foi ontem, hora do Dancin’Days e bateram na porta. Visitas. Ninguém se mexeu. Falei para a empregada abrir a porta, mas ela fez “Shhh!” sem tirar os olhos da novela. Mandeí os filhos, um por um, abrirem a porta, mas eles nem me responderam. Comecei a me levantar. E então todos pularam em cima de mim. Sentaram no meu peito. Quando comecei a protestar, abafaram o meu rosto com a almofada cor de tijolo que minha mulher comprou para combinar com a maquiagem da Júlia. Só na hora do comercial, consegui recuperar o ar e aí sentenciei, apontando para ela ali, impávida no meio da sala: “Ou ela, ou eu!”. O silêncio foi terrível.”* (VERÍSSIMO, 2007, p. 30).

Vários pontos podem ser abordados sobre essa passagem da crônica. Primeiro, o fato de nenhum dos filhos obedecerem ao chamado do pai para abrirem a porta, nem os filhos, nem a esposa e nem a empregada. A seguinte questão pode ser levantada: na casa de vocês, caso não obedeçam a um pedido de seus pais, porque estão entretidos com algum programa de tevê, o que acontece?

Após os comentários dos estudantes, pode-se fazer outro questionamento a eles: qual reação da família, que estava assistindo à tevê, vocês acharam mais absurda durante o último trecho lido e por quê? Vocês conhecem alguém que seja capaz de ter as mesmas atitudes?

Após ouvir a socialização das opiniões e experiências dos alunos, o professor pode iniciar a exploração das características das outras personagens, como a esposa. Pode-se pedir que os estudantes comecem a comentar sobre as características e atitudes da mulher do início ao fim da crônica.

Eles irão perceber que, ao longo do texto, as atitudes da esposa vão mudando conforme ela passa a ser manipulada pela televisão. No início, ela costumava assistir aos programas de maneira saudável, sem que isso influenciasse na sua qualidade de vida. Contudo, aos poucos, ela foi sendo manipulada até chegar a um ponto de se descuidar na criação dos filhos e no cuidado com o marido, além de não querer receber mais visitas e nem sair de casa.

É possível, ainda, destacar os aspectos dos filhos na narrativa; questionar aos alunos quais são as principais características deles. Com a ajuda do professor, os estudantes podem compreender que os filhos cresceram manipulados pela tevê, não queriam ir dormir na hora certa, porque estavam assistindo. Não queriam comer sem que a tevê fosse ligada, não queriam sair da frente da tevê, isto é, foram crianças criadas sem limites, o tempo inteiro vendo televisão, ao invés de distribuir o tempo para outras atividades mais saudáveis. Inclusive, o narrador menciona que o último filho fora criado pela tevê e era mais apegado a ela do que à própria mãe.

Se vocês fossem chefes de família, pai ou mãe, o que vocês fariam? Como vocês educariam os filhos de vocês a respeito do tempo destinado a assistir televisão? Deixariam assistir o quanto quisessem, sem limites? Ou se não, que atitudes vocês tomariam? Quais regras adotariam? E por que fariam isso?

Conforme os alunos forem fazendo os comentários, o mediador poderá fazer mais perguntas ou complementando alguns aspectos, que podem ser incluídos na discussão.

Na sequência, o professor pode mencionar a questão do tempo para os alunos e perguntar qual a sensação de tempo que os alunos tiveram ao ler a crônica. Se é possível perceber no texto em quanto tempo a história aconteceu, permitindo que eles exponham suas ideias sobre o tempo da narrativa. É importante que os alunos compreendam que a alienação causada na família pela televisão foi se construindo

ao longo do tempo, não foi uma situação que ocorreu de um dia para o outro, mas através de um processo gradativo.

Ancorado ao tempo, tem-se uma oportunidade de iniciar uma discussão sobre o espaço na narrativa. Um aspecto de grande importância no desenrolar dos acontecimentos. Por isso, sugerimos que o professor peça aos alunos que retirem trechos da crônica que demonstrem os espaços ocupados pela tevê do início ao fim da narrativa.

Com essa atividade, é importante que os estudantes percebam a existência de uma progressão na narrativa, já que a televisão passa a ocupar outros espaços da casa. Ao longo do texto, e a cada mudança, ela vai ocupando um lugar mais importante e significativo, até o momento de ocupar o centro da casa, o lugar mais importante, onde todas as atenções estão voltadas para ela.

Ela, a tevê, representa portanto, uma divindade, que é capaz de manipular todos ao seu redor, menos o narrador-personagem, que tenta, ao final da narrativa, destruí-la, porém, sem sucesso.

Para a exploração do enredo da crônica é necessário que o professor pergunte aos alunos qual o momento de maior tensão do texto durante o enredo. Após eles identificarem o clímax na narrativa, é importante que os estudantes compreendam que o enredo é composto por dois sentidos: um literal e um figurado, em que a tevê tem o sentido literal de um equipamento que transmite imagens, todavia, figuradamente transmite a imagem de um objeto manipulador, capaz de interferir no cotidiano do ser humano e em suas atitudes.

Para isso, o professor pode perguntar aos alunos o que é uma televisão literalmente, e em seguida, após eles responderem, perguntar o que ou quem é a televisão da crônica *Ela*, e pedir para que os alunos façam uma comparação entre esses dois sentidos.

Para finalizar essa etapa, sugerimos que o professor organize a turma em dois grupos e entregue para cada grupo uma das questões elencadas abaixo, justificando suas respostas a fim de que o grupo faça comentário sobre cada questão e exponha suas opiniões através da oralidade:

1. Ao ler o título da crônica “Ela”, você teve a percepção que a narrativa iria falar de quê ou de quem? Cite um trecho que confirma essa sugestão.



2. Em que momento da narrativa o narrador provoca a quebra de expectativa do leitor, revelando quem realmente é “Ela”? Justifique sua resposta.
3. Temos a percepção de que narrador conta sua história em diálogo com um interlocutor. Quem, provavelmente, é o interlocutor e em que espaço estão os dois?
4. É possível perceber que o interlocutor do narrador não parece muito disposto a ouvi-lo. Que trecho da crônica leva o leitor a perceber essa falta de interesse e até impaciência do interlocutor?
5. No texto, o narrador-personagem se refere ao filho mais novo quando afirma que ele só ficava quieto para comer na frente da televisão. Você costuma fazer suas refeições assistindo à tevê? Você considera essa atitude saudável? Quais as desvantagens de se fazer isso?
6. Em seguida, afirma que “Ela”, aos poucos, foi afetando os hábitos da casa. Que hábitos foram afetados? Isso costuma acontecer na sua casa?
7. O narrador menciona que a esposa havia se apaixonado por um personagem da novela o *Sheik de Agadir*. Você conhece alguém que já se apaixonou por alguma celebridade?
8. Como era a vida social antes e depois da chegada da televisão? Isso já aconteceu com você?
9. O que você achou da atitude da esposa e dos filhos? Justifique sua resposta.
10. Em sua opinião, quais as desvantagens de passar a maioria do tempo assistindo à televisão?
11. A partir de agora, o seu comportamento em relação à televisão continuará o mesmo ou algo mudou no seu jeito de pensar? O que mudou?
12. No final da narrativa o autor utiliza uma figura de linguagem para dar maior expressividade ao texto, chamada de personificação ou prosopopeia, inclusive, essa figura de linguagem, comumente, aparece em textos literários e em desenhos animados, já que animais e objetos inanimados ganham vida e passam a possuir características humanas como falar, pensar, andar, conversar etc. Na crônica lida, o que foi personificado? E qual ou quais características humanas recebeu?
13. Qual o espaço ou espaços onde acontecem a narrativa?
14. Em aproximadamente quanto tempo se passa a história?
15. Quais são as personagens da narrativa?

16. Qual o tipo de narrador que se apresenta no texto? É necessário que o professor registre no quadro e explique sobre os possíveis tipos de narrador;
17. Existe alguma crítica no texto sobre um fato do cotidiano? Qual?
18. Conforme os moradores da casa se entregam a alienação causada pela tevê, ela vai adquirindo mais características humanas, e as pessoas vão perdendo os traços humanos, passando a se assemelhar a objetos da casa. Encontre na narrativa um exemplo que evidencie isso.
19. A crônica “Ela”, de Luís Fernando Veríssimo, narra a história de uma família que é alienada pelo uso abusivo da tevê. Você concorda com a crítica do autor? Justifique sua opinião.

Ao término da socialização, o professor poderá levantar uma discussão sobre o fato de o mesmo problema de alienação, ocasionado pela tevê, atualmente, também ocorre, através das novas tecnologias por meio da *Internet*, como por exemplo, as redes sociais: *Facebook*, *Whats App*, entre outros.

Por se tratar de um assunto do universo deles, provavelmente terão algumas experiências para relatar, o que é muito importante para a construção de sentidos no texto literário. Dessa forma, o professor pode aproveitar os relatos dos alunos e fazer mais debates para, com isso, poder enriquecer a aula de maneira mais concreta, através do conhecimento empírico dos alunos.

### 5.3 O gênero charge e sua função social

A palavra charge originou-se no francês e significa *carga*, isto é, tem o objetivo de “carregar” traços do caráter de algo ou alguém, no sentido de exagero a fim de torná-los cômico. Criada no início do século XIX, é um gênero textual comumente veiculado em jornais ou revistas. Graças a uma forma inusitada de denúncia das mazelas da sociedade, através da ironia e do bom humor, esses textos conseguem adquirir um considerável número de leitores.

Com o desenvolvimento tecnológico e a criação das redes sociais, houve um crescimento na produção, veiculação e, conseqüentemente, uma ampliação no consumo das charges. Anteriormente, os principais suportes textuais desse gênero eram as revistas e os jornais. Atualmente, a *Internet* e as redes sociais também são responsáveis pela divulgação desses textos. Dessa forma, as pessoas, e principalmente, os jovens passaram a ter um maior contato com as charges.

Ao produzir a charge, o chargista utiliza essa ilustração humorística, através do humor e da sátira, para fazer denúncias e levantar críticas sociais sobre diversas temáticas que permeiam a sociedade, tais como: educação, saúde, política, segurança, entre outros. Para compreender o verdadeiro significado de uma charge é necessário estar informado sobre os acontecimentos no Brasil e no mundo.

O chargista utiliza vários recursos para produzir o efeito de sentido desejado à charge. Podemos elencar, dentre eles, os mais comuns: o exagero, com o objetivo de enfatizar determinado aspecto; a linguagem visual, em conjunto com a linguagem verbal, no intuito de proporcionar maior clareza das ideias por meio das imagens; e a intertextualidade, quando a charge dialoga com outros discursos ou situações.

Desde o início do presente trabalho, defendemos a ideia de utilizar estratégias de ensino capazes de articular os conteúdos escolares à realidade dos educandos. Portanto, levar aos alunos o gênero textual charge, o qual aborda situações da realidade, estimulando o leitor a posicionar-se crítica e reflexivamente acerca do que é lido, a nosso ver, pode contribuir significativamente com a aprendizagem dos estudantes, visto que estimula o senso crítico, o que pode auxiliar na formação de cidadãos atuantes na sociedade.

Esse gênero textual é espetacular, pois permite que o leitor analise e interprete assuntos que fazem parte do dia a dia. Esse movimento de interpretação, análise e reflexão interfere na maneira que percebemos o mundo.

A charge manifesta a perspicácia do artista em tecer críticas e tratar de assuntos polêmicos, através de artifícios como o humor e a ironia. Além disso, como a veiculação da charge tem se expandido, inclusive, entre os jovens, é importante que o aluno se aproprie de tal gênero textual, para que tenha a capacidade de reconhecê-lo e interpretá-lo, ao identificar uma crítica subentendida, quando se deparar com uma leitura desse gênero.

O aluno pode demonstrar interesse em estudar charges, pois ela utiliza a linguagem verbal e não-verbal, algumas trazem apenas imagens. As imagens funcionam como apelo visual e cativam a atenção do estudante. Dessa forma, a leitura torna-se dinâmica e interessante, pois o aluno terá que acionar diversos conhecimentos para decifrar a crítica e os sentidos subentendidos na charge.

Ademais, os jovens estão acostumados a ler textos multimodais, já que na *Internet* e nas redes sociais, eles compartilham inúmeros textos que utilizam imagens e textos escritos, para produzir sentidos. Todavia, pretendemos direcionar o aluno

para que ele aprenda a fazer uma leitura significativa do texto e não apenas uma leitura superficial.

Foram selecionadas algumas charges com a mesma temática apresentada pela crônica *Ela*, de Luís Fernando Veríssimo, para serem trabalhadas com os alunos em sala de aula.

O professor pode pedir que os alunos formem grupos de quatro pessoas para analisarem algumas imagens que serão entregues a eles. Cada grupo receberá uma imagem e os integrantes do grupo terão de discutir sobre os sentidos que eles atribuirão à imagem.

As imagens que podem ser recortadas e entregues aos alunos são as seguintes:

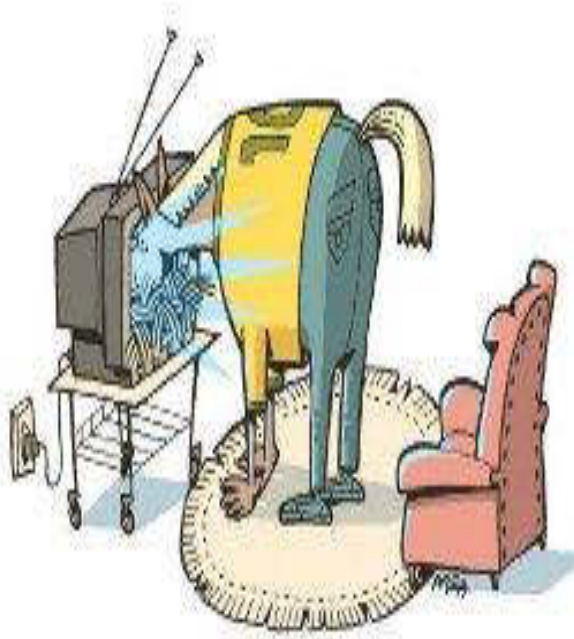


Imagem – 1  
Fonte: Franklin (2012)

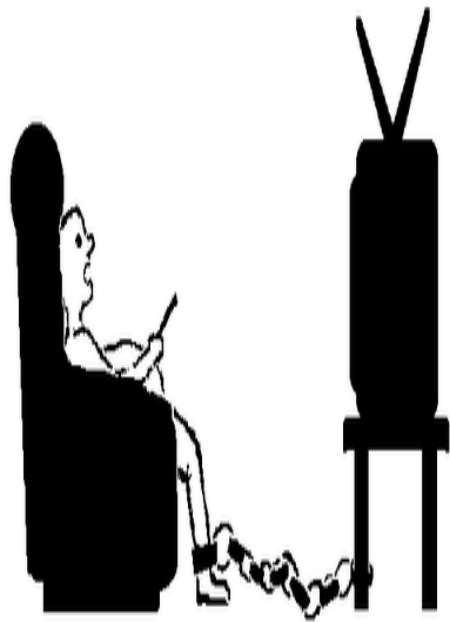


Imagem – 2  
Fonte: Amantes do saber (2008)



Imagem – 3  
Fonte: Despertar de Gaia (2012)



Imagem - 4  
Fonte: Bem bolado (2013)



Imagem - 5  
Fonte: Liberte-se do sistema (2011)



Imagem - 6  
Fonte: Amorim (2016)

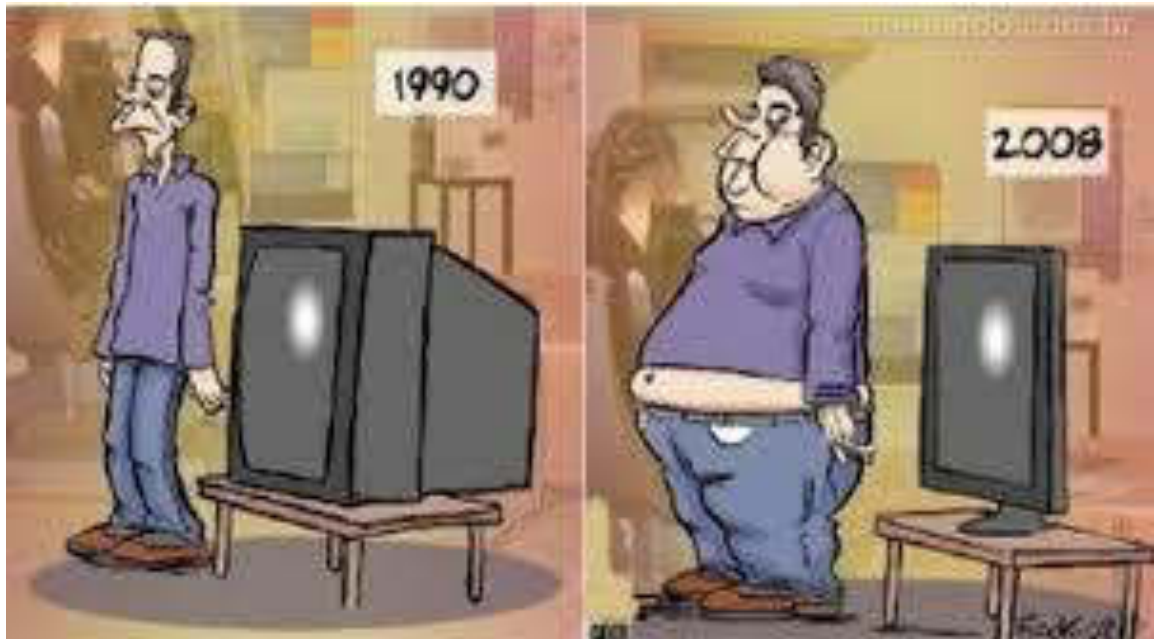


Imagem – 7  
Fonte: Techzine (2008)

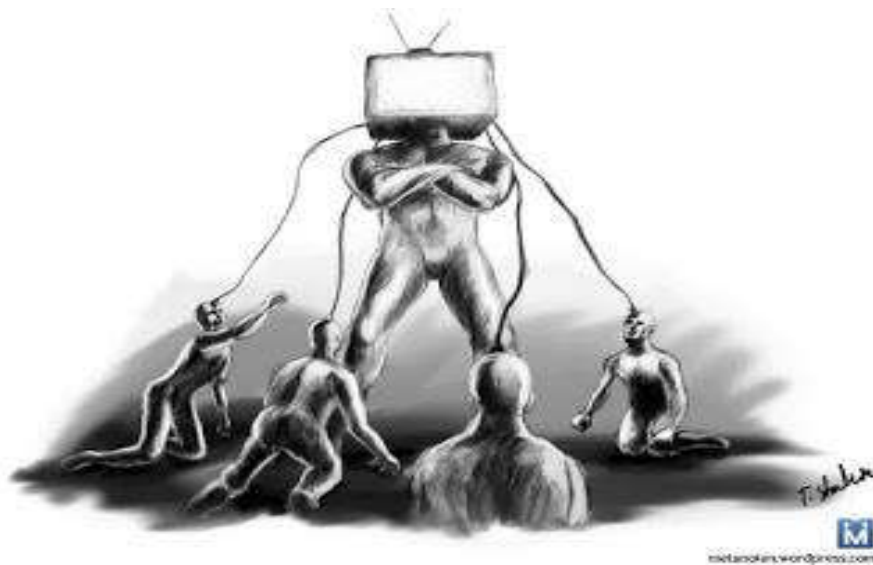


Imagem – 8  
Fonte: Conhecimento é poder (2016)

É importante que os alunos façam uma primeira interpretação da imagem antes que o professor faça uma explicação sobre as características do gênero, para que após o conhecimento do gênero textual, os estudantes reflitam se houve ou não mudança na significação do texto.

Após disponibilizar um tempo para que os alunos conversem sobre a imagem recebida, o professor pode começar a falar sobre as características do gênero textual, explicando que a imagem que cada grupo recebeu é um texto chamado de charge, o qual, como os demais textos, possui características específicas e utilizam a linguagem verbal e não-verbal.

Para auxiliar no processo de compreensão dos alunos sobre o gênero textual estudado, sugerimos que o professor exponha algumas informações sobre o gênero charge e compare-a com outros gêneros e tipologias textuais, de modo que evidencie as principais características da charge e aponte algumas semelhanças e diferenças com os demais gêneros textuais.

É pertinente que os alunos analisem as informações sobre a charge e percebam que cada gênero textual possui suas especificidades. Podem apresentar pontos comuns em alguns aspectos, mas diferenciam-se em outros como: intencionalidade, objetivo e público alvo. Por isso, faz-se necessário explorar as características da charge, para que os estudantes possam ler e produzi-las com eficiência, além de aprenderem a reconhecer e diferenciar tal gênero dos demais.

É importante que o professor explique aos alunos sobre a intencionalidade de uma charge, levando os estudantes a perceberem que a charge sempre traz uma crítica a algum fator político ou social.

Também é necessário que os alunos percebam os recursos como o humor, a ironia, a sátira e o exagero utilizados para compor as charges. Além disso, o professor pode, juntamente com os alunos, enfatizar quais são os meios que veiculam as charges, no caso, são divulgadas em jornais, revistas e através de meios eletrônicos.

É interessante conduzir o aluno à percepção da charge como um gênero textual temporal, para que ele compreenda que podem existir charges, que não farão sentido dentro de alguns anos, por causa de mudanças ocorridas ao longo do tempo.

O educador pode incluir à explicação as características da charge que achar pertinente, desde que a análise não se baseie apenas nos aspectos linguísticos do texto, mas também, no contexto político-social, na produção de sentidos e nos usos sociais da charge.

A seguir, sugerimos algumas questões que podem servir como direcionamento para o professor iniciar uma roda de conversa com os estudantes. Em seguida, o educador pode disponibilizar um tempo para que os alunos, em grupo, conversem sobre as seguintes questões:

1. Todos os participantes do grupo interpretaram a charge da mesma forma? Se não, quais foram as possíveis interpretações.
2. Vocês já haviam lido alguma charge antes? Onde?
3. Descreva a sua charge, indicando o máximo de informação possível que você conseguir abstrair.
4. Qual intencionalidade o chargista teve ao produzir essa charge?
5. Qual o objetivo da charge para você?
6. A linguagem utilizada pelo chargista é verbal, não verbal ou Mista? Justifique sua resposta.
7. Qual a importância das imagens na charge?
8. Qual a importância do texto escrito na charge?
9. Você considera a charge um texto? Por quê?
10. A charge que você leu está relacionada de alguma forma com a crônica *Ela* de Luís Fernando Veríssimo? Explique sua resposta?
11. Aponte semelhanças e diferenças entre os dois gêneros textuais lidos: a crônica e a charge.
12. Reflita sobre a temática presente na crônica e na charge que você leu, em seguida, responda se esse assunto faz parte da sua realidade e está presente no seu dia a dia. Explique sua resposta.

Os alunos devem responder às questões acima oralmente. Conforme mencionado anteriormente, é importante promover atividades que estimulem a participação oral, bem como o desenvolvimento da habilidade de se expressar e defender pontos de vista, preparando assim o aluno para as diversas práticas sociais de usos da língua.

Para a socialização, o professor pode disponibilizar um tempo para que os estudantes possam responder às questões e externarem os conhecimentos adquiridos. É necessário proporcionar um espaço de tempo que possibilite a todos os integrantes de cada grupo participarem das discussões.

É importante que o debate seja direcionado pelo professor e que os alunos consigam entender e relacionar as charges com a crônica lida, para posteriormente articular a aprendizagem com a realidade na qual estão inseridos.

De acordo com as ponderações que fizemos sobre a importância dos educandos estabelecerem relações entre os conteúdos estudados com as situações que vivenciam cotidianamente, manifestando assim o poder de representação da



realidade através da *Mimesis*, recomendamos que o educador aproveite essa temática abordada na crônica *Ela* e nas charges acima, para evidenciar a existência de outros fatores, os quais, assim como a tevê, também ocasionam problemas de alienação.

Propomos que o professor questione aos alunos quais são atualmente, outras possíveis formas de entretenimento que causam alienação e conseqüentemente prejudicam as relações interpessoais.

É provável que eles citem a *Internet*, o aparelho celular, as redes sociais, o *WhatsApp*, entre outras tecnologias que estão presentes na sociedade atual. Sabendo disso, selecionamos algumas imagens e charges para que o professor forneça aos alunos para iniciar um debate sobre quais são as mudanças que as novas tecnologias estão promovendo nas relações entre os seres humanos.

Para isso, o educador pode transmitir as imagens abaixo, através de um *Data Show*. É importante que após a leitura de cada imagem, os alunos possam fazer comentários sobre elas, relacionando com a leitura da crônica e das charges feitas anteriormente.

Abaixo, seguem quatro imagens que servirão para iniciar o debate sobre as conseqüências do uso abusivo das tecnologias.



Imagem - 9  
Fonte: Eustaquia (2014)



Imagem - 10  
Fonte: Pantas (2013)



Imagem - 11  
Fonte: Carvalho (2016)



Imagem - 12  
Fonte: Metamorfose (2015)

Abaixo, oferecemos quatro charges, como sugestões, que exploram bastante essa temática sobre alienação:



Imagem – 13  
Fonte: Sala digital de Português (2015)



Imagem – 14  
Fonte: Portal Fiel (2016)



Imagem - 15  
Fonte: Blog do Amarildo (2010)



Imagem - 16  
Fonte: Arionauro Cartuns (2016)

Como estamos em uma discussão que faz parte do universo no qual os estudantes estão inseridos, provavelmente eles terão mais facilidade em participar das discussões, por se tratar de um assunto que é vivenciado por eles no cotidiano, visto que o público jovem representa a maior parte dos usuários que utilizam, como entretenimento, os novos meios tecnológicos, que são lançados no mercado e aprimorados a cada ano.

É importante que seja disponibilizado um tempo para que os alunos tenham a oportunidade de participar ativamente dos debates, concordando ou discordando dos demais colegas de maneira organizada, respeitando a fala do outro.

#### 5.4 O texto narrativo e a análise de filme como construção de sentido

Paulatinamente, a sociedade se insere no mundo das novas tecnologias. Até mesmo aqueles que não simpatizam com elas, uma vez ou outra, tendem a utilizá-las ainda que inconscientemente. Não há dúvida que a criação de novas tecnologias trouxe rapidez na resolução de problemas e na transmissão de informações. Em relação a décadas passadas, atualmente, tornou-se muito mais fácil estudar e ter acesso a inúmeras informações em um curto espaço de tempo por meio da *Internet*.

Os jovens estão cada vez mais atualizados e possuem aparelhos eletrônicos de alta *performance*, pensados e produzidos para satisfazer as necessidades do mundo contemporâneo e acompanhar a agilidade da *Internet*. Não são só os jovens que utilizam tais recursos cotidianamente, mas são eles os principais consumidores desses novos adventos. Além disso, possuem extrema facilidade em manusear aparelhos tecnológicos, muitas vezes, parecem até que já nascem com uma pré-disposição a isso, pois é comum vermos crianças que já possuem a capacidade de utilizar um *tablet* para assistir desenhos, por exemplo, enquanto que uma pessoa mais idosa demonstra mais dificuldade em usar tais equipamentos.

Vivemos na era digital. A sociedade mudou com o avanço tecnológico, os costumes mudaram e estão em constante mudança. O aluno está inserido nesse processo de mudança e a escola não pode estar excluída dessa realidade. Ao invés disso, ela precisa encontrar formas de se adaptar a essa situação para poder utilizar as tecnologias em benefício da aprendizagem do educando.

A educação tem um papel crucial e determinante na vida dos indivíduos. Para tanto, ela necessita modificar-se no intuito de evoluir cada vez mais. Com isso, surge a necessidade de reformulação nos procedimentos teórico-metodológicos, os quais contemplem as novas tecnologias da informação como recursos didáticos.

É importante que o educador, com a utilização de recursos tecnológicos, possa proporcionar, ao aluno, situações de aprendizagem dinâmicas, que auxiliem na formação do estudante enquanto cidadão, de maneira que lhe seja despertado o senso crítico e a capacidade de refletir sobre as informações que são transmitidas pela mídia.

Dessa forma, a escola contribuirá para a formação de um cidadão habilitado a fazer uma leitura da realidade, um ser com alta capacidade de reflexão e questionamento sobre o que lhe é imposto como parâmetro, pela mídia e por outras instituições.

Ademais, as tecnologias estão presentes na vida dos nossos estudantes e não só pessoas com o poder aquisitivo alto têm acesso a elas, já que se observarmos, mesmo os alunos de periferia têm, cada dia mais, acesso a aparelhos tecnológicos. Isso significa que as tecnologias não são exclusivamente para pessoas ricas, pois pessoas pobres também têm a oportunidade de utilizá-las.

Conforme menciona Rojo,

A inserção dessas tecnologias nas práticas cotidianas, principalmente nas situações de trabalho, deu origem a diferentes apropriações, tanto por parte dos grupos de elite, como por parte dos grupos da periferia. Quando as TICs, paradoxalmente, passam também a fazer parte do cotidiano da periferia – como podemos perceber nas inúmeras câmeras fotográficas digitais, celulares de alta tecnologia e *lan-houses* que invadem os bairros de classe baixa –, elas são, também, desterritorializadas, por não mais circularem somente em território dos grupos de elite. (ROJO, 2013, p. 63).

Essas ferramentas têm se tornado cada dia mais familiares à rotina dos nossos estudantes. Contudo, os jovens destinam muitas horas ao uso de tecnologias sem um objetivo específico. Muito tempo que poderia ser usado para o crescimento intelectual dos alunos, com a utilização das tecnologias, é desperdiçado.

A alienação ocasionada pela utilização inadequada das tecnologias pode ser revertida através de metodologias de ensino, que aliem entretenimento e aprendizagem em um único plano de aula, ao mostrar que é possível utilizar as tecnologias de forma educativa e favorável à aprendizagem.

O filme é uma ferramenta tecnológica que pode ser utilizada pelo educador, de forma criativa, como recurso didático, para fomentar a aprendizagem dos alunos em sala de aula. Por tratar-se de um recurso do qual os estudantes demonstram grande interesse em utilizar, este pode trazer benefícios ao ensino, visto que, assistir a filmes é uma tarefa lúdica que estimula a criatividade e imaginação.

Além disso, é uma maneira de prender a atenção dos estudantes, através de uma aula dinâmica, utilizando recursos tecnológicos, com os quais os educandos já estão familiarizados.

De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Partindo do que toca os sentidos, a linguagem da TV e vídeo responde à sensibilidade dos jovens. Projetando outras realidades, outros tempos e espaços, no vídeo interagem superpostas diversas linguagens: a visual, a falada, a sonora e até a escrita, principalmente na legenda de filmes e nas traduções de entrevistas. (BRASIL, 1998, p. 92).

Fazer com que os alunos assistam a filmes em sala de aula é uma forma de motivá-los a adquirir novos conhecimentos e levá-los a descobrir novas maneiras de pensar, entender e refletir sobre diversas situações. No filme podem ser transmitidos diversos valores, quais sejam: ideológicos, sociais, culturais e religiosos. Assim, cabe, ao professor, propiciar atividades dinâmicas que estimulem a percepção e, conseqüentemente, a aprendizagem de tais valores e conhecimentos abordados no filme.

De acordo com Napolitano:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (NAPOLITANO, 2003, p. 11).

O cinema é uma fusão de várias linguagens que podem auxiliar no processo de compreensão sobre determinado assunto. O filme é uma ferramenta dinâmica que associa imagens, expressões faciais, sons, sentimentos, gestos, cores, simultaneamente. Isso faz com que o telespectador se projete para narrativa ao ter uma percepção maior dos acontecimentos, o que leva a um profundo entendimento do que é assistido e, conseqüentemente, à construção de sentido.

Existem várias ferramentas tecnológicas que podem ser exploradas em sala de aula e transformadas em recursos didáticos, contudo, para o presente trabalho, dentre diversas tecnologias, escolhemos uma delas: o filme.

Associar filmes à leitura e a outras atividades na escola traz inúmeros benefícios ao processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o professor tem vários motivos para utilizar esse recurso em sala de aula, porém o objetivo principal da escolha dessa ferramenta, para compor a metodologia desse trabalho, refere-se à necessidade de interligar os conteúdos ensinados na escola com a realidade dos alunos a fim de que o educando encontre sentido naquilo que está aprendendo.

Portanto, usar uma tecnologia, que faz parte do universo do aluno, é uma excelente estratégia de ensino para fazer essa ligação entre ficção, realidade e aprendizagem.

Por isso, optamos pela utilização, em sala de aula, do filme *Ex-Machina: Instinto Artificial*, ganhador do Oscar 2016 por melhor roteiro original e efeitos visuais. O filme escolhido é atual e apresenta a mesma temática existente na crônica alegórica, escolhida para ser explorada com os alunos. Dessa forma, o objetivo é fazer com que os estudantes estabeleçam relações entre o texto de Luís Fernando Veríssimo, as charges estudadas e o filme, para, em seguida, relacionar todo o conhecimento adquirido com a realidade vivenciada por eles no cotidiano em um ato de reflexão sobre a própria vivência.

Dirigido por Alex Garland, *Ex-Machina* é um filme de suspense e ficção científica, o qual retrata a história de um androide com inteligência artificial. Caleb Smith, protagonizado por Domhnall Gleeson, foi selecionado para testar o androide Ava, dotada de inteligência artificial, protagonizada por Alicia Vikander, para definir o quanto seu comportamento é inteligente e se assemelha a comportamentos humanos (Teste de *Turing*).

Caleb e Ava mantêm contato, diariamente, através de uma sala envidraçada, que separa os dois fisicamente. Conforme os dias se sucedem, Caleb vai sendo manipulado por Ava, a qual provoca *blecautes* no sistema de monitoramento para que, Nathan Bateman, protagonizado por Oscar Isaac, seu criador, não consiga monitorar as conversas entre ela e Caleb.

Após ser manipulado por Ava, Caleb tenta embriagar Nathan a fim de fugir com ela, porém, o plano não funciona, pois Nathan descobre as intenções de Ava, mas não consegue impedi-la de fugir, pois é esfaqueado por Kyoko, um robô que exercia o cargo de governanta, e por Ava. Após matar Nathan, ela foge deixando Caleb preso e, em seguida, se mistura entre os seres humanos.

Atualmente, percebemos que as relações humanas, paulatinamente, estão sofrendo modificações através da criação de novas tecnologias. Resta-nos saber, se essas mudanças são mais benéficas ou maléficas à Humanidade.

Portanto, é no intuito de levar os educandos a refletirem sobre essa situação, que permeia a atualidade moderna, que oferecemos essa proposta pedagógica, a qual utiliza a crônica *Ela*, de Luís Fernando Veríssimo, a charge e o filme *Ex-Machina: Instinto Artificial*, para compor essa proposta de ensino.

O filme, a charge e o texto literário, citados anteriormente, foram selecionados para auxiliar na construção de sentidos ao possibilitar que os alunos estabeleçam relações entre a personagem *Ela*, da crônica alegórica e a personagem Ava, do filme *Ex-Machina*. Ambas personagens possuem inteligência artificial. Além de terem o poder de manipular o ser humano e causar destruição, também expõem o lado destrutivo das tecnologias.

Ademais, tanto o texto literário, como o filme, evidenciam a capacidade do Homem, por meio de sua inteligência, de conseguir criar um objeto tecnológico capaz de manipular e talvez até dizimar a Humanidade.

Diante disso, o filme e a crônica *Ela*, podem ser utilizados como recursos para promover um instigante debate com os estudantes sobre a questão da evolução da inteligência artificial, o uso das novas tecnologias e a relação que possuem com o Homem, bem como possíveis consequências para o futuro. Parece-nos uma excelente oportunidade, para que o educador possa interligar os conteúdos ensinados na escola com a realidade dos alunos e da sociedade em geral.

Ancorados nessa discussão sobre as novas tecnologias, propomos que o professor organize a sala de aula para que os alunos assistam ao filme. Sugerimos para análise, *Ex-Machina*, por ser um filme atual e ter concorrido ao Oscar 2016 como melhor roteiro original e efeitos visuais.

O educador pode iniciar lançando o título do filme *Ex-Machina* no quadro e instigar o levantamento de hipóteses sobre a temática do filme, para que os alunos usem a criatividade para imaginar o assunto do filme a fim de que ao longo da narrativa, automaticamente, o estudante sinta-se mais interessado em assisti-lo para testar, se as hipóteses que foram formuladas, anteriormente, coincidem com o enredo.

Além disso, o educador pode mencionar que, após assistirem ao filme, os alunos irão participar de uma atividade dinâmica e por isso, precisam ficar atentos aos detalhes do filme, porque, ao final, os alunos vencedores serão premiados.

Após os alunos assistirem ao filme, o professor pode pedir que os estudantes formem um círculo na sala de aula, para poder iniciar um debate sobre o filme, comentem sobre os pontos que mais chamaram a atenção e estabeleçam relações com os textos estudados anteriormente.

É importante que o professor estimule os alunos a relacionar o filme *Ex-Machina*, com outros filmes já assistidos por eles. Por isso, pode questionar se os estudantes já assistiram a algum outro filme com essa temática, que trata de inteligência artificial



ou outra temática semelhante a essa, permitindo, assim, que os educandos comentem suas experiências com outros filmes.

Além disso, é fundamental que o professor trabalhe o filme, enquanto uma narrativa, para que seja possível aproximar o filme com o gênero crônica. Por isso, é importante que o professor, previamente, trabalhe os elementos da narrativa com os alunos, explicando o que seria a situação inicial, o enredo, o clímax e os demais elementos, visto que, os estudantes precisarão dessas informações para compreender as partes que compõem o filme.

Após as discussões e a devida exploração das características do filme, da crônica e das charges, o professor pode solicitar, como atividade final, que os estudantes relacionem o conhecimento adquirido com uma atividade dinâmica: um concurso de charge. Assim, os alunos deverão produzir uma charge, a qual poderá abordar algum problema social vivenciado por ele ou por sua comunidade. Ao final das produções, poderão ser selecionadas as três melhores charges que ocuparão o primeiro, segundo e o terceiro lugar para premiação. Para isso, o educador precisa orientar os estudantes, oferecendo um passo a passo de como elaborar uma charge.

A motivação é imprescindível nesse momento de produção, inclusive, o professor, ao fazer o concurso de charge, pode enfatizar que, ao produzirem a charge, os alunos irão se transformar em chargistas, podendo levar essa prática para o dia a dia e até mesmo publicar os trabalhos feitos nas redes sociais. Com isso, eles se sentirão mais entusiasmados a participar da atividade.

O educador pode criar um passo a passo para auxiliar na produção dos alunos. Abaixo apresentamos uma sugestão que pode ser complementada.

Passo 1: Escolher a temática a ser trabalhada na charge;

Passo 2: Definir quais linguagens serão utilizadas para compor a charge: a linguagem verbal, a não verbal ou a linguagem mista;

Passo 3: Elaborar a crítica que será abordada no texto;

Passo 4: Iniciar a produção da charge.

Para a finalização da produção textual, é necessário que o professor disponibilize um tempo para que os alunos concluam a produção. É uma atividade que, preferencialmente, deve ser feita dentro da sala de aula a fim de que o professor possa acompanhar as produções e orientar os alunos no que for preciso.

Sugerimos que após a produção da charge, o professor solicite que os alunos troquem as produções entre si e interpretem a charge do colega, na tentativa de descobrir qual a intenção do autor ao produzir a charge e que tipo de crítica foi construída no texto.

### 5.5 Recursos didáticos

Quadro;

Papel madeira;

Cola;

Tesoura;

Pincel;

Imagens;

Filme;

Vídeo;

*Data Show*;

Xérox do texto literário;

### 5.6 Avaliação

De maneira geral, a avaliação tem o propósito de verificar os níveis de aprendizagem do aluno. Todavia, esse recurso pode ser utilizado, também, para nortear a prática educacional do professor, no sentido de permitir que ele reflita sobre a própria atuação como profissional em sala de aula.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A avaliação não é, portanto, unilateral ou monológica, mas dialógica. Deve realizar-se num espaço em que sejam considerados aquele que ensina, aquele que aprende e a relação intrínseca que se estabelece entre todos os participantes do processo de aprendizado. Portanto, não se aplica apenas ao aluno, considerando unicamente as expectativas de aprendizagem, mas aplica-se às condições oferecidas para que isso ocorra: avaliar a aprendizagem implica avaliar também o ensino oferecido. (BRASIL, 1998, p.94).

Um olhar atento para analisar as metodologias que contribuem com a aprendizagem dos educandos e perceber as estratégias de ensino que mais favorecem a aprendizagem de cada turma em particular são tarefas que auxiliam o professor a refletir sobre o que os alunos aprenderem, por que aprenderam ou por

que não aprenderam. Esse trabalho de análise acerca da própria prática cotidiana, em sala de aula, contribui para melhorar a qualidade das aulas que serão oferecidas aos estudantes e auxiliar o professor a encontrar possíveis soluções para os alunos que, por algum motivo, não conseguiram alcançar uma aprendizagem satisfatória.

A avaliação do aluno deve ocorrer através de um procedimento contínuo, ao longo do processo de ensino e aprendizagem. No caso do presente trabalho, ela pode ser feita durante toda a proposta de intervenção, ao observar a participação ativa do estudante nas atividades oferecidas pelo professor, bem como o comportamento e a capacidade de ouvir atentamente no momento das exposições orais, quando for a ocasião dos colegas expressarem suas opiniões.

É importante avaliar se os estudantes conseguem articular os conhecimentos adquiridos através da leitura da crônica, dos debates em sala de aula, das produções textuais e do filme, com a realidade vivenciada por eles no cotidiano. Por isso, é imprescindível avaliá-los também, através das rodas de conversa e debates que foram sugeridos nessa proposta pedagógica.

Atividades orais de debates, exposições de ideias, participação ativa nas discussões conduzidas pelo professor, atividade dinâmica de produção textual com o gênero charge através do concurso de charge são, apenas, algumas sugestões de ações organizadas que podem auxiliar o educador na avaliação da aprendizagem adquirida pelos alunos.

Portanto, fica a critério do educador utilizar avaliações que julgue pertinente a sua clientela, para que, através dos resultados avaliativos obtidos no decorrer do ensino, o professor possa oferecer alternativas que favoreçam a evolução dos estudantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem ter a pretensão de esgotar a discussão sobre o ensino de literatura nas escolas, iniciamos essa proposta com o intuito de refletir sobre como o ensino de literatura vem sendo conduzido, pelo professor de Língua Portuguesa, no ambiente escolar. Tentamos analisar os percalços enfrentados cotidianamente por esses profissionais, para que a partir de uma reflexão, pudéssemos contribuir, de alguma forma, com o ensino de literatura.

Sabemos que o ensino de literatura, necessita de um aperfeiçoamento no que tange às metodologias utilizadas para o trabalho com os textos literários, pois o que presenciamos no ensino fundamental, por vezes, é o texto literário sendo utilizado apenas como pretexto para a resolução de exercícios “mecânicos”, os quais priorizam aspectos linguísticos e estruturais em detrimento aos aspectos semânticos do texto, como a interpretação textual e a construção de sentidos.

Já no ensino médio, por exemplo, o texto literário, algumas vezes, deixa de ser prioridade quando o educador antepõe o estudo de períodos literários e outros conteúdos que também são importantes, mas que se forem trabalhados de maneira isolada e não contextualizada, não são capazes que contribuir para o avanço do ensino de literatura nas escolas.

Entendemos que o ser humano necessita de literatura e que ela desempenha um papel importantíssimo na formação do indivíduo, atuando nele de forma humanizadora, visto que por meio dela, o sujeito pode entrar em contato com várias experiências e aprender muito com elas, por isso é necessário trabalhar com o ensino de literatura de forma adequada, caso contrário, não podemos aferir os danos que poderão ser causados na formação dos nossos alunos. Assim, acreditamos que, nas aulas de literatura, é através da priorização do texto literário, baseada em leitura, interpretação e construção de sentidos, que os educandos poderão desfrutar do poder formador e humanizador que a literatura exerce sobre o Homem.

Portanto, sabendo da importância da literatura na formação dos estudantes, demos início a essa pesquisa, com o intuito de fazer com que essa proposta permitisse uma aproximação dos alunos com a literatura, auxiliando-os a perceber o quanto esta pode ser importante e ter sentido em suas vidas.

A teoria utilizada para a produção dessa proposta exerceu grande importância e influência, nesse trabalho, pois foi através das três forças da literatura, apresentadas pelo filósofo Barthes, que encontramos uma maneira de relacionar a literatura com a realidade dos estudantes, proporcionar aos alunos a possibilidade de entrar em contato com os diversos saberes existentes no texto literário bem como viabilizar a construção de sentidos, ao desocultar os diversos discursos presentes no texto.

As três forças da literatura foram os três pilares de sustentação desse trabalho, já que nossa proposta teve como base, possibilitar que os alunos experimentassem o ensino de literatura de uma forma diferente da que comumente estão acostumados a estudar na escola.

Essa proposta de ensino pode contribuir para melhorar o trabalho com a literatura e o processo de ensino e aprendizagem, no sentido de permitir que o aluno encontre sentido nas aulas de literatura, de maneira que ele possa construir sentidos e articulá-los à realidade vivenciada por ele, não somente na vida acadêmica, mas em outros seguimentos como, o familiar, o social e o afetivo. Consideramos essa aproximação da literatura com a realidade do estudante imprescindível para o ensino de literatura.

Com a intenção de mostrar ao educando que, dentro de uma obra literária, existe uma infinidade de possíveis interpretações, sentidos e conhecimentos implícitos, incentivando-os a extrapolar o texto em uma busca de sentidos ocultos, sob um olhar que procura o que está por trás do texto. A nosso ver, o texto alegórico possibilita atingir esse objetivo com os estudantes, por trazer imbricados em sua composição, os sentidos figurado e literal, por isso escolhemos esse gênero textual para auxiliar no desenvolvimento dos nossos objetivos.

Para fomentar a pesquisa, optamos por fazer uma análise do livro didático, utilizado pelos alunos, com o objetivo de verificar se o manual escolar proporcionava um ensino de literatura condizente com nossa proposta, ou se utilizava o texto literário apenas como pretexto para análises estruturais com exercícios “mecânicos”, os quais não estimulam o desenvolvimento do pensar e do senso crítico do estudante.

Diante da análise, estamos convictos de que o material didático pode sim, ser um aliado do professor nas aulas de literatura. Entretanto, se não for utilizado como o único recurso educacional possível, mas sim, como um, entre várias possibilidades, além de poder ser complementado pelo professor com outros recursos, quando for necessário.

Além de propormos um trabalho com a crônica alegórica e a charge, escolhemos trabalhar com o filme, enquanto narrativa, para despertar ainda mais o interesse dos alunos pelas aulas, pois assistir a filmes é uma tarefa lúdica para os educandos. Além disso, optamos por um filme atual, que tratasse da mesma temática dos gêneros textuais estudados e que, inclusive, representa um assunto que desperta curiosidade no aluno: a inteligência artificial.

Ao longo da proposta, nos preocupamos em priorizar atividades, as quais permitissem aos estudantes participar ativamente das discussões, de maneira que fosse possível relatar suas experiências através da oralidade, aproximando o texto literário à vivência do aluno, com a intenção de seduzi-los por meio da obra literária. Além disso, acreditamos na importância do desenvolvimento de práticas de leitura, escrita e oralidade para a formação do sujeito e para a participação nas práticas sociais.

Através da pesquisa nas obras de alguns teóricos, pudemos ampliar nossa visão sobre o ensino de literatura e, como consequência disso, aprimorar nossa prática pedagógica, enquanto professores de Língua Portuguesa e literatura.

Para elaborar o presente trabalho e sabendo da necessidade de mudar as estratégias pedagógicas com o ensino de literatura, buscamos aliar a teoria estudada com a prática e nossa experiência em sala de aula, com o objetivo de contribuir, em certa medida, com ideias que possam melhorar o ensino de literatura. Por isso, acreditamos que esse trabalho pode ser um bom caminho para se trabalhar com a literatura no ensino fundamental, podendo aplicar a mesma metodologia a outros textos literários.

Diante disso, acreditamos que esse trabalho pode contribuir com o ensino de literatura nas escolas, visto que foi produzido sob uma perspectiva de letramento literário, o qual prioriza a leitura, interpretação e exploração do texto literário enquanto construção de sentidos.

O Profletras - Mestrado Profissional em Letras desempenha um papel imprescindível na formação continuada dos educadores, ao proporcionar que estes possam refletir sobre a própria prática pedagógica no sentido de aperfeiçoá-la.

Portanto, temos consciência do grande trabalho que o programa tem desempenhado no país, ao auxiliar na evolução da qualidade do ensino, o qual é oferecido aos alunos da rede pública. Somos muito gratos por termos tido a oportunidade de participar desse Mestrado e através dele, ter ampliado a nossa visão

sobre o ensino, ao desconstruir e construir conceitos, por meio das reflexões feitas ao longo do curso, com o auxílio dos professores e de nossa orientadora que contribuíram, em grande escala, para o nosso crescimento e aperfeiçoamento, enquanto educadores.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Sobre a dificuldade de ler**. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/sobre-a-dificuldade-de-ler/>.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1993.

AMORIM, Aluísio. **Jogue a grande mídia “bundalelê” no lixo**. BlogOséias. 14/07/2016. Disponível em: <<http://oseias46a.blogspot.com.br/2016/07/jogue-grande-midia-bundalele-no-lixo.html>>. Acesso em: 03/12/2016.

BATISTA, A. A. G. & ROJO, R. Livros escolares no Brasil: a produção científica. In: VAL, M. da G. C. & MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_ **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. **Lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938**. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-1006-30dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris: Português**. São Paulo: Ática, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. Duas cidades: Ouro sobre azul. São Paulo; Rio de Janeiro. 4ª ed. 2004.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

\_\_\_\_\_ **A vida ao rés-do-chão**. In: Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, Vinícius. **Pokémon GO e suas polêmicas**. Vinícius Carvalho Blog. 11/08/2016. Disponível em: <<https://viniciuscarvalhoblog.wordpress.com/2016/08/11/pokemon-go-e-suas-polemicas/>>. Acesso em: 04/12/2016.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.



COSTA, Sérgio Roberto. **Interação e letramento escolar**. Juiz de Fora: Musa, 2000.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EUSTÁQUIA, Sônia. **Vício em celular atrapalha vida afetiva**. Sônia Eustáquia. 14/09/2014. Disponível em: <<http://www.soniaeustaquia.com.br/vicio-em-celular-atrapalha-vida-afetiva/>>. Acesso em: 03/12/2016.

**EX-Machina**. Direção: Alex Garland. Roteiro: Alex Garland. [S.l.]: Universal Pictures, 2015.

FRANKLIN, Thalles. **Televisão: uma questão de alienação**. ArtigoJus. 04/04/2012. Disponível: <<http://www.artigojus.com.br/2012/04/televisao-uma-questao-de-alienacao-4001.html>>. Acesso em: 03/12/2016.

FILOSOFIA.COM. **A influência da mídia na sociedade**. [S.l.], 2014. (3 min 45 s). Disponível em: <<https://youtu.be/7XrAK5jqd9Y>>. Acesso em: 30 de Mar. 2016.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

KOTHE, Flávio R. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura. Uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PANTAS, Willians. **O uso excessivo da Internet e redes sociais são maiores no Brasil**. Understech. 23/09/2013. Disponível em: <<http://understech.com.br/uso-excessivo-internet-redes-sociais-sao-maiores-brasil/>>. Acesso em: 03/12/2016.

PENHA, Gisela Maria de Lima Braga. **A jangada de pedra: uma viagem alegórica à poética de José Saramago**. São Paulo: UNESP, 2007.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Escola Conectada – os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SANTOS, Leonor Werneck dos. **Literatura infantil e juvenil na prática docente**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.

SANTOS, C. **O livro didático do ensino fundamental: as escolhas do professor**. 2007. 236. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2007.

SITE: AMANTES DO SABER. **Alienação**. 08/05/2008. Disponível em: <[http://amoestudarfilosofia.blogspot.com.br/2008\\_05\\_01\\_archive.html](http://amoestudarfilosofia.blogspot.com.br/2008_05_01_archive.html)>. Acesso em: 03/12/2016.

SITE: DESPERTAR DE GAIA. **Alienação Mental**. 05/01/2012. Disponível em: <[http://despertardegaia.blogspot.com.br/2012/01/alienacao-mental\\_05.html](http://despertardegaia.blogspot.com.br/2012/01/alienacao-mental_05.html)>. Acesso em: 03/12/2016.

SITE: BEM BOLADO. **A manipulação da mídia**. 11/11/2013. Disponível em: <<https://bemboladoblog.wordpress.com/2013/11/11/a-manipulacao-da-midia/>>. Acesso em: 03/12/2016.

SITE: METAMORFOSE DIGITAL. **Ilustrações e um curta de quinta que satirizam nossa alienação com os smartphones**. 14/05/2015. Disponível em: <<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=34537>>. Acesso em: 04/12/2016.

SITE: LIBERTE-SE DO SISTEMA. **10 estratégias de manipulação da mídia**. 07/05/2011. Disponível em: <<http://libertesedosistema.blogspot.com.br/2011/05/como-midia-manipula-sociedade.html>>. Acesso em: 03/12/2016.

SITE: TECHZINE. **A evolução do homem e da TV**. 15/04/2008. Disponível em: <<http://www.techzine.com.br/arquivo/charge-a-evolucao-do-homem-e-da-tv/>>. Acesso em: 03/12/2016.

SITE: CONHECIMENTO É PODER. **A engenharia Social: Controle de massa**. 07/2016. Disponível em: <<http://conhecimentoehpoder.blogspot.com.br/2016/07/engenharia-social-controle-de-massas.html>>. Acesso em: 03/12/2016.

SITE: PORTAL FIEL. **Charge: 187 milhões de celulares**. 11/02/2016. Disponível em: <<http://www.portalfiel.com.br/charges/146-charge-187-milhoes-de-celulares.html>>. Acesso em: 04/12/2016.

SITE: BLOG DO AMARILDO. **No cardiologista**. 26/04/2010. Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com/2010/04/26/no-cardiologista/>>. Acesso em: 04/12/2016.

SITE: ARIONAURO CARTUNS. **Charge Vício Celular Internet**. 31/03/2016. Disponível em: <[http://www.arionaurocartuns.com.br/2016\\_03\\_01\\_archive.html](http://www.arionaurocartuns.com.br/2016_03_01_archive.html)>. Acesso em: 04/12/2016.

SITE: SALA DIGITAL DE PORTUGUES. **Internet – fonte de alienação ou articulação social**. 09/04/2015. Disponível em: <<http://saladigitaldeportugues.blogspot.com.br/2015/04/tema-producao-textual-internet-fonte-de.html>>. Acesso em 04/12/2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O nariz e outras crônicas.** São Paulo: Ática, 2007.